

5**Janeiro****Pe. Remo Ciccióli**

Morreu em “São Felipe Neri”, Roma, em 5 de janeiro de 1973, com 77 anos de idade, 60 de profissão religiosa e 50 de sacerdócio.

Nascido em Mogliano (Macerata), em 1896, Pe. Remo pertencia à Segunda geração da Pequena Obra, tendo entrado na Congregação em Tortona em 1913, e revestido depois pelo mesmo Dom Orione do hábito eclesiástico.

Distinguiu-se imediatamente pela capacidade de realizador que fez dele por longos anos um dos cooperadores mais zelosos e entusiastas de Dom Orione.

Depois de uma primeira estadia na Colônia Agrícola Santo Antônio de Cuneo, foi, no tempo da guerra, chamado sob armas e deslocado para Tolentino, em Chieti e Ancona. Depois foi destinado como diretor no Instituto Manin de Veneza até o ano de 1924. Os belos dons de educador e de administrador lhe valeram a confiança para outras não muito fáceis direções na cidade de Mestre (1924-26), no Instituto Sagrado Coração de São Severino Marche (1926-41), em Reggio Calabria (1941-46) e na Casa do Pequeno Mutilado de Milão (1948). Por um sexênio ocupou o cargo de Conselheiro Provincial.

Nos primeiros anos do pós-guerra, Pe. Remo foi uma das figuras mais generosas e distintas da Pequena Obra, fiel intérprete dos desejos e do espírito de Dom Orione, sobretudo no campo juvenil, como a mais genuína expressão da vitalidade do Fundador e da Congregação.

Do seu intenso trabalho – confortado pelo especial reconhecimento de Dom Orione e de Dom Sterpi – que sabiam poder contar com ele em todas as dificuldades – ficou como o mais belo testemunho o reconhecimento dos ex-alunos sempre manifestado de forma não muito comum nos numerosos encontros e manifestações.

Tendo retornado à Calabria – em Calanna perto de Reggio onde administrou uma paróquia – esteve no Brasil em São Paulo de fevereiro a dezembro de 1952 até que em 1954 voltou para a Itália, em Roma. Depois, por quase 20 anos, conduzia no “São Felipe” uma vida condicionada por não muito boas condições de saúde, exercitando o ministério da confissão entre os jovens e prestando-se, até quando as forças permitiram, ao ensinamento literário.

Dele, sacerdote piedoso, culturalmente dotado, sempre cortês, muitos Confrades conservam a mais querida memória.

O sofrimento físico suportado pelo Pe. Remo por muitos anos com serenidade na oração e no silêncio, coroou uma vida oferecida generosamente a Deus e à Pequena Obra.

10**Janeiro****Pe. Camilo Secco**

Morreu em Claypole (Argentina) em 10 de janeiro de 1958, com 83 anos de idade, 46 de profissão e 38 de sacerdócio.

Natural de Cáupo (Belluno), onde nasceu em 1875, fez a Primeira Profissão em 1912 e ordenou-se sacerdote oito anos depois. Foi militar na guerra de 1915 a 1918. Veio ao Brasil em 1921 na companhia de Dom Orione, trabalhou em Mar de Espanha e no Jardim Botânico. Transferido para a Argentina, lá faleceu após 29 anos de trabalhos naquele país.

10**Janeiro****Pe. Luigi Benicchio**

Morreu em Niterói (RJ) em 10 de janeiro de 1971, com 55 anos de idade, 36 de profissão e 29 de sacerdócio.

Nasceu em Comum Nuovo (Bergamo), entrou na Congregação em 23 de outubro de 1930 e no dia 25 de dezembro do mesmo ano, em Tortona, fez a vestição religiosa.

Em 1935-36 cumpriu o ano de Noviciado em Villa Moffa, emitindo a primeira Profissão em 7 de outubro de 1936.

De 1937 a 1940 fez o tirocínio em “Berna” de Mestre, na qualidade de assistente e professor.

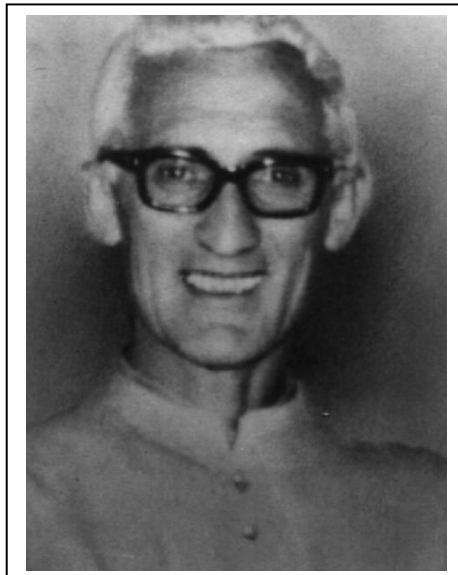
Freqüentou a escola de teologia no seminário de Tortona e em 3 de outubro de 1943 foi ordenado sacerdote.

Continuou a doar-se no economato da Casa Mãe de Tortona nos anos difíceis da guerra e em 1946 partiu como missionário para o Brasil. Depois de um breve período, passado como assistente e professor na Gávea (Rio de Janeiro), foi destinado para a paróquia de São Francisco Xavier, em Niterói, e aí permaneceu até 1958, dedicando-se ao trabalho sacerdotal no modo mais generoso, ao lado do saudoso Pe. Pedro Martinotti. A paróquia era muito grande, tinha umas vinte capelas e Pe. Luigi não abandonou nenhuma delas, sempre presente, estimulando a todos.

Em 1958 foi transferido para Curitiba para reorganizar uma obra social que estava hospedando rapazes abandonados, no Instituto que o Governador do Estado do Paraná confiava aos filhos de Dom Orione. A sua pedagogia parterno-cristã, alegre e atraente, soube recuperar grande parte daqueles pobres jovens, muitos dos quais estão hoje bem sistematizados, graças ao grande calor humano de Pe. Luigi.

Em 1969 retornou à Congregação, depois de um período de licença (62-69). Assumiu o encargo da paróquia de Rio do Ouro. Construiu a igreja paroquial e três capelas, melhorou as já existentes e sobretudo edificou Cristo no povo.

Trabalhou com entusiasmo juvenil sem se poupar, mesmo quando a saúde reclamava cuidado e repouso. Preferiu, bom pastor que era, dar também a vida pelas suas ovelhas, caindo no chão na tarde de 10 de janeiro, depois de ter celebrado duas missas na parte da manhã. Está sepultado na Igreja de Rio do Ouro (Niterói).

**20****Janeiro****Pe. Lino Cantoni**

Morreu em Buenos Aires em 1941, com 35 anos de idade, 13 de profissão e 11 de sacerdócio.

Pe. Lino foi ordenado sacerdote em 1930 e, no mesmo ano, em 9 de agosto, chegou ao Brasil. Foi para Niterói como superior do Seminário. Em 1935 foi enviado para a Argentina, onde faleceu com problemas cardíacos. Foi também superior de um orfanato que tivemos em Vitória (ES) nos anos 1933-34.

21
Janeiro

Pe. Fernando Campos Taitson

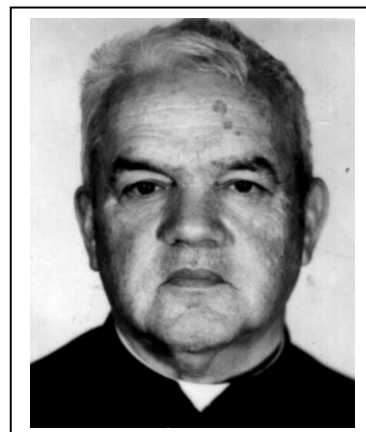
Morreu em Belo Horizonte em 21 de janeiro de 1982, com 73 anos de idade, 50 de profissão e 43 de sacerdócio.

Nasceu em Nova Lima (MG) e entrou na Pequena Obra no dia 13 de abril de 1926, recebendo no Natal do mesmo ano o Santo Hábito religioso.

Já conhecia deste 1917 o nosso missionário Pe. Angelo de Paoli, superior das casas brasileiras que o tinha encaminhado para a Congregação.

Em 1922 teve a grande fortuna de encontrar-se com o próprio Fundador Dom Orione, por ocasião da sua primeira visita ao Brasil.

Em 1930 foi mandato para a Itália para fazer o Noviciado em Villa Moffa, sob a guia de Pe. Giulio Cremaschi e emite a sua primeira profissão na noite da Assunção de 1931, ano mariano.



Devido à sua inteligência, foi depois enviado para Roma, no Instituto Divino Salvador para os estudos de filosofia e teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Frequentes eram, então, os seus encontros com o Beato Fundador. Pe. Fernando aparece ao seu lado na notável fotografia montado no burro, na descida do Monte Soratte, onde os clérigos romanos costumavam passar um pouco do tempo de verão.

Ordenado Sacerdote em Roma no dia 30 de julho de 1939, foi destinado como Vice-Pároco para a Paróquia de Ognissanti junto do Pároco Pe. Risi que deixou uma longa carta demonstrando satisfação para com o jovem Campos.

Voltou para o Brasil logo que terminou a guerra mundial.

De 1946 a 1948 permaneceu no Santuário de Nossa Senhora de Fátima no Rio de Janeiro, com o delicado serviço de Secretário Provincial.

Em 1950 está em Paraíba do Sul nas funções apostólicas e a partir de 1955 é diretor do Instituto da Gávea no Rio de Janeiro. Um relatório do seu Provincial, Pe. Bartoli, define-o como “Religioso exemplar”.

Ainda Secretário Provincial por alguns anos, foi depois destinado também para o apostolado paroquial residindo em Santa Quitéria, Curitiba (PR) e depois em Florianópolis (SC).

Passou então, já não muito bem de saúde, para o Pequeno Cotelengo de Curitiba, e depois para o Lar dos Meninos de Belo Horizonte, onde o Senhor o chamou em 21 de janeiro.

Teve a graça de presenciar em Roma à Beatificação de Dom Orione, a quem tanto venerou e fielmente serviu.

25
Janeiro

Pe. Egidio Adobati

Morreu na missão do Goiás (Brasil), no dia 25 de janeiro de 1952, com 35 anos de idade, 15 de profissão e 10 de sacerdócio.

Nas ondas de um impetuoso rio brasileiro, o Tocantins, em meio a uma tempestade – em 25 de janeiro – concluiu-se o sonho cândido e entusiasta de Pe. Egidio Adobati e do Irmão Giuseppe Serra. Tendo tocado há pouco o solo da missão, afagado no desejo e na oração, o Senhor deu a esses a coroa que premia os seus generosos servos.

Em 21 de março de 1942, Pe. Adobati, sacerdote novo, oferecia em Roma o seu primeiro divino sacrifício. Naquele dia – contava com simplicidade – invocou do eterno Sacerdote a graça, diria o privilégio, de ir trabalhar em terra de missão. No seu espírito recolhido e sereno, com a subida ao altar cumpria-se também a total doação da vida a Deus para a salvação das almas, segundo o ideal missionário. Nascido em Costa Serino di Bergamo, em 10 de julho de 1916, ele tinha recebido no início da vida, duas grandes graças: uma piedosa santa mãe, Caterina Gherardi; e uma vivíssima aspiração à vocação religiosa missionária.



Quando entrou, em 15 de outubro de 1928, na Casa Mãe da Pequena Obra em Tortona, pareceu alargar-se no seu espírito o horizonte de um mundo celeste há tanto tempo almejado. O encontro com Dom Orione e Dom Sterpi foi para ele, aparentemente fechado aos impulsos dos empreendimentos excepcionais e gloriosos, uma aurora que foi gradativamente difundindo-se, em sugestivas cores de bem, a cada palavra, gesto, ideal realizado, sugerido, indicado pelo Fundador. Feita a primeira série ginásial, recebeu o hábito clerical de Dom Orione na festa de Nossa Senhora da Guarda de 1929 entre as estacas do belo Santuário em construção. Terminou os estudos ginásiais em Voghera no Seminário pro Missioni e a filosofia foi escolhido para fazê-la na Universidade Gregoriana de onde saiu licenciado. Depois do Noviciado – 1935/36 – e da primeira profissão – 7 de outubro de 1936, em Villa Moffa nas mãos de Dom Sterpi – alternou, pela saúde e obediência, os anos da teologia – 1935, 1938, 1941, 1942 em Roma – com aqueles do tirocínio – 1937 em Villa Moffa e Tortona, 1939, e 1940 em Villa Moffa, onde se iniciou, naqueles anos, o Instituto Filosófico da Congregação.

Seu tirocínio foi de escola, de estudo, de piedade, quase exclusivamente transcorrido na Casa de Formação em Villa Moffa, à qual deveria retornar sacerdote para dispor-se a levantar vôo para as Missões desejadas. Ordenado em Roma em 21 de março de 1942 e destinado para Sassello – de 1942 a 1945 – fez-se verdadeiramente irmão dos clérigos mais avançados em idade, aos quais oferece, como professor, assistente e encarregado da Casa, compreensão, conforto, exemplo. De 1945 a agosto de 1949, retornou com os mesmos ofícios de professor e assistente em Villa Moffa, último ancoradouro na pátria, antes de zarpar para o Brasil em 17 de novembro de 1949, junto com Pe. Paolino Malfatti.

No Brasil, antes que lhe fosse confiada a direção da nova Missão, preside a escola teológica dos nossos Clérigos em Paraíba do Sul, depois de ser destinado, por breve tempo, ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima do Rio de Janeiro.

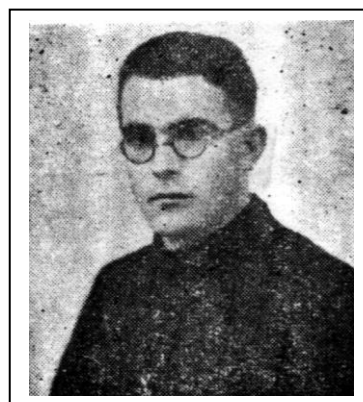
Em dezembro de 1952 segue para a missão no Norte, altar do seu extremo sacrifício.

25
Janeiro

Ir. Giuseppe Serra

Morreu na missão do Goiás, em 1952, com 30 de idade e 10 de profissão.

Filho da terra cuneense (nasceu em Benezzo em 13 de junho de 1922), generoso de excelentes tanto para a Santa Igreja, como, em particular, para a nossa Congregação, o Irmão coadjutor Giuseppe Serra quis entrar para a Pequena Obra em pleno desabrochar da juventude, aos 18 anos. Depois de poucos meses de postulante, foi enviado ao Noviciado de Villa Moffa e em 15 de agosto de 1941 coroava com a primeira profissão religiosa não só um ano de ótima prova, mas também a decisão irrevogável de servir ao Senhor em nossa humilde Congregação. Quis também experimentar, no Eremitério das



Graças, em Monte Soratte, se Deus o tinha chamado à perfeição da vida eremítica. A obediência religiosa, porém, destinou-o logo para a Casa Mater Dei del Castello Burio, onde foi encarregado dos trabalhos de cozinha. E foi de edificação para todos os estudantes que passaram por lá a fim de preparar-se para o apostolado.

Em 3 de agosto de 1943 chegou para ele uma triste notícia: seu irmão Carlo, também ótimo Irmão Coadjutor professo em nossa Congregação, falecia, naquele dia, no Mar Adriático num naufrágio causado pelo bombardeamento do navio, que o transportava da Albânia para a Itália. Quem poderia pensar que uma igual sorte tocaria também o nosso Irmão?

Quem conheceu muito bem o Ir. Serra em Castello Burio, atesta que era um daqueles que demonstram com os fatos ter tomado a sério a Vida Religiosa. Nele, era sincero o desejo de aperfeiçoamento, veraz espírito de oração (rezava muito, também sozinho). Foi sempre obediente, paciente, bom e suave com todos. E justamente por ser profundamente humilde, era bem quisto por todos que dele se aproximavam. Diversos habitantes de Castel Burio choraram, quando o confrade Ir. Serra deixou o seu povoado, para ir para a América.

A solene cerimônia de despedida foi em Tortona, no dia 3 de novembro de 1946; em Janeiro de 1947 zarpava de Genova, direto para a Argentina. Aí foi encarregado do Pequeno Cotelengo Argentino, em Claypole, no pavilhão dos meninos. Sobre este ofício, numa carta escrita quando já estava no Brasil, quis afirmar: “Estava muito contente. Esta ocupação dava-me muito ânimo, porquê procurava cumpri-la da melhor maneira possível por amor a Deus...”. No dia 14 de outubro de 1951 recebeu solenemente, junto com Pe. Alice, o Crucifixo de Missionário das mãos do Revmo. Diretor Geral, então em visita canônica à Argentina, e no dia seguinte deixava Buenos Aires rumo ao Brasil.

Na vigília do Natal de 1951, juntamente com Pe. Adobati e Pe. Alice, seguia de avião do Rio de Janeiro para o interior do Brasil e chegaria, então, no centro da Missão, Tocantinópolis, somente no final do dia 11 de janeiro de 1952. Na tarde do dia 25 de janeiro, a catástrofe: tinham decidido – ele mais Pe. Adobati e Pe. Alice – ir para o outro lado do rio, no povoado de Porto Franco (MA) para comprar selos e visitar doentes. Atravessam de canoa e na volta uma tempestade com um vento muito forte vira a canoa. Pe. André Alice consegue segurar-se na canoa virada assim como o canoieiro. Pe. Edigio Adobati e Ir. Serra foram levados pelas águas. Era 6 horas da tarde. Somente dois dias depois foram encontrados os corpos a mais de 6 km e levados para Tocantinópolis.

Três dias antes de partir do Rio, escrevia a um nosso Sacerdote na Itália: “Acredite-me, Revdo. Padre, depois de ter girado o mundo e depois de ter conhecido um pouco mais as coisas, agora posso dizer que estou cada vez mais convencido que, se não se busca viver verdadeiramente como religioso e fazer tudo por amor a Deus, é mesmo uma perda de tempo.” Isto pode ser considerado o seu testamento espiritual; por certo, uma admoestação para todos nós!

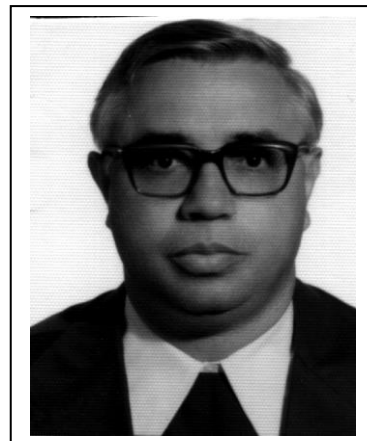
27
Janeiro

Pe. Genésio Poli

Morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de janeiro de 1992, com 68 anos de idade, 52 de profissão e 42 de sacerdócio.

Recomendado ao Servo de Deus Pe. Sterpi, com lisonjeiro juízo do seu pároco, aos 11 anos de idade, Genésio, nascido em 13 de outubro de 1924, em Cura di Vetralla (Viterbo) foi acolhido na Casa de Via Sette Sale em Roma, e enviado para Tortona onde iniciou os cursos ginasiais, completados depois em Voghera e Montebello.

Antes de fazer o noviciado em Villa Moffa e a primeira profissão (4 de novembro de 1940), tinha tido a consolação de conhecer pessoalmente o nosso Bem-aventurado Fundador, Pe. Sterpi e os outros mais anciãos e venerandos filhos da Congregação, e isto – confessava muitas vezes – era como uma grande graça do Senhor para fortificar-se no espírito e no amor à nossa família religiosa. Professou em perpétuo na festa da Mãe de Deus (11.10.1948) em Tortona, depois de um tirocínio particularmente oneroso como assistente e professor dos alunos do seminário episcopal em San Severino Marche (1943-47). Foi ordenado sacerdote em 29 de junho de 1950 em Tortona e, no mesmo ano, se oferece aos superiores para o ministério missionário: em 19 de dezembro de 1950 chega ao Brasil e foi professor e assistente em Paraíba do Sul; em 1954 foi diretor da Casa de Rio Claro, então iniciada, e de 1956 a 1962 na Gávea, Rio de Janeiro. Foi Vigário da Prelazia de Tocantinópolis (1962-64), Conselheiro no Rio (1964-67), Vice-Provincial (1967-70), Secretário Provincial em São Paulo (1970-73), pároco em Araguaína (1973-76), Diretor Provincial em São Paulo (1976-82): nesta cidade transcorreu depois o resto dos anos, sempre ajudando na sede provincial, ultimamente como secretário provincial.

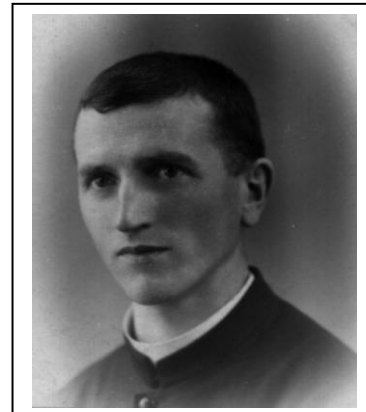


Em todos os ofícios a ele confiados oferecer o melhor do próprio espírito e os bons dons com os quais o Senhor lhe havia agraciado. A delicadeza no trato, a piedade sincera, a plena disposição para a obediência, a busca do maior bem da família religiosa e o amor grande, terno e devoto, ao fundador e aos confrades mereceram-lhe a estima afetuosa dos seus companheiros de trabalho e de ministério. Nos últimos anos, com tenaz empenho, recolheu as memórias do desenvolvimento da obra no Brasil, valendo-se também do conhecimento das línguas neolatinas e dos especiais estudos feitos no campo filosófico, educacional e sociológico. Toda a vida, depois do seu sacerdócio, foi passada no predileto Brasil, do qual conheceu a perfeição da língua, amou as tradições e os costumes. Em 12 de março de 1984 uniu-se ainda mais à Igreja e à Congregação com o Juramento de Fidelidade ao Papa no Santuário de Nossa Senhora de Fátima no Rio de Janeiro.

10**Fevereiro****Pe. João Sassi**

Morreu em Turim em 1966, com 52 anos de idade, 33 de profissão e 24 de sacerdócio.

Pe. João Sassi nasceu em 1914, entrou na Congregação em Tortona. Foi ordenado sacerdote em 1943. Chegou ao Brasil em 1947, trabalhou na Jardim Botânico onde iniciou o curso ginásial e em Belo Horizonte. Por motivo de doença foi a Itália, em 1963. Foi Conselheiro Provincial de 1952 a 1955.

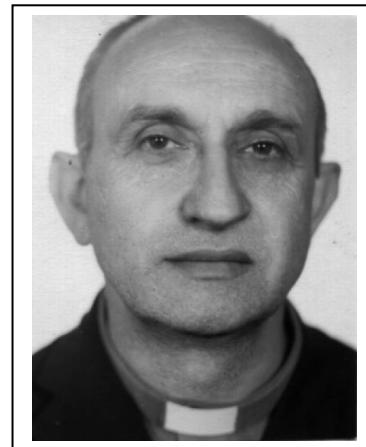
**11****Fevereiro****Pe. Jan Jarosz Ludwik**

Morreu no dia 11 de fevereiro de 1971, com 66 anos de idade e 41 de sacerdócio.

Pe. Jan Jarosz que nasceu em 1905 em Karsy (Polônia) foi aceito pela direção geral como Agregado. Trabalhou algum tempo no Brasil e faleceu em Quatro Barras (PR). Foi sepultado na própria igreja de Quatro Barras.

13**Fevereiro****Pe. Antônio Pagliaro**

Morreu no dia 13 de fevereiro de 1989, na Paróquia Nossa Senhora da Divina Providência no Rio de Janeiro com 71 anos de idade, 44 de profissão religiosa e 45 de sacerdócio.



Nascido em 24 de abril de 1918, natural de São Paulo (SP), entra na Pequena Obra em Niterói, em 20 de janeiro de 1932, e tem depois, jovem aspirante, a consolação de receber o hábito sacro das mãos do Fundador Dom Orione, em 18 de abril de 1937, no Rio de Janeiro. A sua preparação religiosa e os seus estudos foram sempre alternados por um tirocínio operoso e de trabalho, dadas as condições da Obra naqueles anos. Calmo e sistemático, completou o ginásio, o liceu e a teologia na Casa da Gávea no Rio de Janeiro. O noviciado, feito em Paraíba do Sul em 1944-45, foi concluído com os primeiros votos religiosos de renovação anual, ao que seguiu a profissão perpétua em São Julião em 19 de janeiro de 1950. Nesse meio tempo já tinha iniciado o caminho das ordens sacras, com a tonsura em 26 de outubro de 1942: recebe a ordem do presbiterato em 23 de abril de 1944.

Sempre dócil nas mãos da obediência, que podia contar com ele para qualquer necessidade de trabalho e de ministério, foi, de abril de 1944 ao abril sucessivo de 1945, colaborador e diretor em Paraíba do Sul para passar, depois, a dirigir (1945-1950) a Casa de São Julião.

De 1951 a 1955 vê acolhido o seu desejo de poder completar os estudos na Itália, freqüentando, em Roma, a Universidade Gregoriana e especializando-se em ciências sociais; visitou as Casas da Itália e fez curso de língua na Inglaterra. No dia 12 de janeiro de 1955 retornava ao Brasil, como conselheiro e vigário provincial da Casa da Rua Riachuelo, da qual era também diretor, dedicando seu zelo e trabalho ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, onde passou, como pároco, quase todos os anos do seu ministério sacerdotal. Em junho de 1968 é o diretor provincial e em 1971 diretor do Instituto Pio XII em São Paulo. Em 19 de maio de 1966 fez o juramento em defesa da pobreza na Pequena Obra e no dia 12 de maio de 1984 emitia, nas mãos do Cardeal Eugênio de Araújo Sales, o voto de fidelidade ao Papa.

A sua fibra, ainda que forte, é atacada por distúrbios do coração, que apesar de não ter freiado o seu ardor pelo bem, levou-o, antes do tempo, para o Senhor. Faleceu no Rio de Janeiro, no Hospital do IASERJ onde era capelão, em 13 de fevereiro de 1989. Foi sepultado no cemitério do Caju, Rio de Janeiro.

Suave de caráter, entusiasta pela sua vocação, empenhou-se, de todas as maneiras, para que a Congregação se firmasse no Brasil, com o desenvolvimento das atividades, o incremento das vocações, mas sobretudo com o apego ao espírito do fundador, cuja recordação levava no coração, como estímulo e conforto para superar as dificuldades e como confirmação do amor à querida Congregação.

14**Fevereiro****Pe. Giovanni Cruciani**

Morreu em Curitiba (PR) em 1976, com 66 anos de idade, 48 de profissão e 38 de sacerdócio.

Era uma vocação nascida no Instituto Sagrado Coração de sua cidade, San Severino Marche (Macerata) – tão querida a Dom Orione e Dom Sterpi – onde ele, nascido em 2 de maio de 1910, tinha sido acolhido criança pelo nosso Pe. Martinotti no final de 1922, freqüentando aí os cursos elementares e as primeiras classes do ginásio.

Logo depois, sentida a vocação, em 17 de fevereiro de 1926 recebeu a veste talar das mãos de Dom Orione e em 5 de outubro sucessivo foi para Villa Moffa cumprir o Noviciado (1927-28), coroado pela primeira profissão (1º de agosto de 1928). Passou depois para a Casa Mãe de Tortona, onde completou a filosofia e, de 1934 a 1938, freqüentou a teologia no Seminário diocesano.

Temperamento tranqüilo, moderado, dócil, foi imediatamente destinado para a assistência das crianças (Artigianelli Venezia – 1930-32, Instituto Sacro Cuore de Fano – 1932-34), fazendo contemporaneamente a filosofia, o tirocínio e o primeiro ano de teologia sob os cuidados do confrade Con. Baiocchi, do clero de Fano. De 1935 em diante freqüentou as aulas no Seminário diocesano de Tortona e recebeu a ordenação sacerdotal no dia 17 de dezembro de 1938, no próprio Seminário das mãos de Dom Cribellati. Nesta época teve a consolação de ver o irmão Ugo e a mamãe Marucci Rosa entrarem para fazer parte da Congregação, o irmão para tornar-se sacerdote e a mamãe para dedicar-se muito anos no serviço dos nossos clérigos em Villa Moffa e dos pobres acolhidos em nosso Instituto.

Desde 1936 o clérigo Giovanni Cruciani tinha expresso o desejo de fazer-se missionário, mas deveria aguardar: jovem sacerdote é designado para ajudar na Paróquia de Ognissanti em Roma, depois passa para a Colônia Santa Maria, mas quase imediatamente é destinado como secretário do Instituto Dante Alighieri de Tortona (1942), depois, como o mesmo encargo, segue para o Colégio San Giorgio de Novi Ligure (1944-50) e a seguir, sempre como secretário, para o Instituto Náutico de Imperia (outubro de 1950 – janeiro de 1952). Finalmente, realiza o seu desejo de fazer-se missionário partindo da Itália em 1952.

Em Curitiba deu início em 1953 à paróquia periférica de Santa Quitéria, sem nunca perder o ânimo, mesmo em momentos de extrema pobreza: passou depois para a Casa de Rio Claro, doando-se aos orfãos e doentes daquela instituição, e em seguida como pároco em Siderópolis de Santa Catarina, fez-se objeto de tanta estima e benevolência pelo seu trato sempre humilde, respeitoso, caridoso com todos, pela sua inexaurível paciência e bondade.

Voltou a Curitiba na qualidade de capelão do nascente Pequeno Cotelengo. No dia 14 de fevereiro as Irmãs o aguardavam para a Santa Missa. Assustadas com o não habitual atraso, bateram na porta de seu quarto sem obter resposta. A morte o surpreendera durante a noite, depois que – mesmo com o coração cansado e um pouco enfermo – tinha rezado e trabalhado até o último dia, segundo o exemplo do Fundador.

O próprio Arcebispo Dom Pedro Fedalto quis visitar o corpo – transportado para a Igreja de Santa Quitéria – e teve para com o saudoso Pe. Cruciani palavras de vivíssimo elogio, como também o Auxiliar Dom Albano Cavallin que presidiu a concelebração no dia dos funerais, quando uma multidão enorme participou, comovida e reconhecida, com um testemunho de afeto e gratidão.

Depois dos solenes funerais, plenos de particular conforto também para os confrades, tão assustados pelo imprevisto chamado do bom Pe. Giovanni, o caixão – por um significativo gesto do Arcebispo – foi sepultado na Capela do Clero de Curitiba.

13**Março****Pe. Gennaro Volpe**

Morreu em Rignano Flaminio (Roma) em 1975 com 60 anos de idade, 40 de profissão e 32 de sacerdócio.

Uma catástrofe na estrada, verificada em 13 de março de 1975 perto de Rignano (Roma) arrancou-o violentamente do afeto dos órfãos e juvenzinhos dos nossos Institutos de Monte Mário nos quais, há cerca de um ano, era o guia nos caminhos do bom viver cristão e civil.

No acidente – provocado pela insensatez de um jovem de 18 anos, sem carteira e com automóvel roubado – foi ferido gravemente também o benfeitor Giuseppe Abballe di Sant’Oreste, que morreu depois em 26 de março, e Pe. Ravera Carlo, Diretor do nosso Pequeno Cotelengo Romano.

Podemos dizer que toda a vida de Gennaro Volpe foi passada nos Institutos da Pequena Obra. Com 8 anos foi confiado ao Orfanato Manin de Veneza, onde tinha vindo à luz em 29 de setembro de 1915. Revelou desde a infância, fineza de costumes, com natural timidez e um sincero desejo de ajudar o próximo demonstrando inclinação para a vida religiosa, em 18 de julho de 1929 foi enviado para o *Seminário pro Missioni S. Antonio di Voghera* e recebeu o hábito eclesiástico do próprio Dom Orione na festa de Nossa Senhora da Guarda.

Depois do noviciado (1934-35) foi admitido aos primeiros votos religiosos em 27 de outubro de 1935: completados os estudos no Colégio Paterno de Tortona, pronunciou os votos perpétuos (15 de setembro de 1941) e recebeu a Ordenação Sacerdotal em 19 de junho de 1943, em pleno tempo de guerra.

Diligente e respeitoso, dócil e sincero – assim foi sempre considerado pelos superiores e confrades - mostrou-se inclinado a uma forte sensibilidade que chegou em alguns momentos a provocar-lhe profundos sofrimentos interiores e foi a sua reconhecida pena, aceita com paciência e lucidez: “Deus me deu – deixou escrito – o sentido do *inquietum est cor nostrum donec requiescat in te.*” (Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em ti!). Uma inquietude, que explica o seu muito insatisfeito buscar, de atividade em atividade, na Itália e no exterior, o esforço de traduzir na prática de obras e de contato com as almas o vivo impulso de doar-se, de participar dos sofrimentos dos outros, de levar sacerdotal ajuda a quantos penavam – como ele – no espírito e na carne.

Em Manin, onde fez o seu primeiro tirocínio como assistente e mestre, obtém ser missionário na América do Sul: chegou na Argentina em 27 de março de 1948, foi vice-pároco em San Giuseppe Cottolengo di Villa Lugano (Buenos Aires) e em Victoria (N. S. da Guarda), encarregado dos meninos do Hogar Don Orione de Saenz Peña (1949), em Barranqueras (1950), em Cuenca e Rosário. Indo depois para o Brasil, trabalhou no Rio de Janeiro (1951), em Niterói e, no Chile, em Los Angeles, em Quintero (1954) e em Santiago (1957).

Em 1957 voltou para a Itália; esteve entre os jovens do nosso Instituto de Vigevano; pediu e obteve um período de repouso na família; passou depois pelo Instituto Menino Jesus de Sant’Oreste em Soratte (1959-60), voltou à sua Veneza e, mais tarde, ao grande complexo de Monte Mario.

“À Congregação – lê-se nas cartas de Pe. Gennaro Volpe – dei, em nome de Deus, a minha juventude, o meu trabalho, ainda que oculto, parte da minha saúde e toda a minha vida, com grande entusiasmo: procurei ser Filho da Divina Providência, porque disto depende tudo... Como San Gennaro, do qual levo o nome, quero também eu ser um “*junuarius*”, como aquele que abre a porta do Céu a tantas almas”.

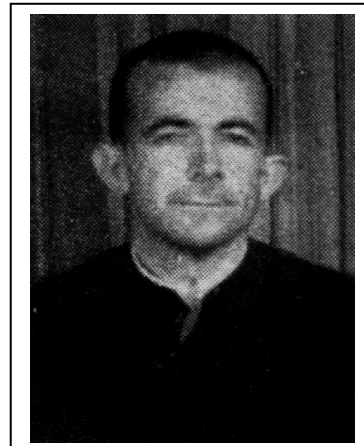
18**Março****Pe. Egisto Breviglieri**

Morreu no Rio de Janeiro em 1958, com 44 anos de idade, 21 de profissão e 15 de sacerdócio.

Foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1943, na cidade de Gênova. Em 1952 veio para o Brasil e no início de 1953 foi para as Missões em Tocantinópolis onde abriu o primeiro ginásio do norte de Goiás e foi seu diretor. Faleceu no Hospital do Câncer (Rio) no dia de São José de 1958, durante o Capítulo Provincial que se realizava no Santuário de Fátima (RJ). Seus restos mortais repousam na Catedral de Tocantinópolis, para onde foram levados, conforme seu desejo.

Teve uma existência, de certa forma, breve. Faleceu no Rio de Janeiro com 44 anos de idade. Pouco tempo de vida, poderíamos dizer, mas o suficiente para marcar de uma forma tão especial a vida de muitas pessoas. Cumpriu, com serenidade, o brado de Dom Orione: “Fazer o bem sempre, o bem a todos.”

Em 1995 foi escolhido patrono de uma cadeira da Academia de Letras do Estado do Tocantins.

**19****Março****Pe. José Dondero**

Morreu em Montevideu (Uruguai) em 19 de março de 1981, com 88 anos de idade, 56 de profissão e 51 de sacerdócio.

No dia de São José, 19 de março, seu dia onomástico, o Senhor chamava a si o caríssimo confrade, no Pequeno Cotelengo de Montevideu (Uruguai) onde há tantos anos desenvolvia um mui edificante silencioso apostolado entre os doentes, jovens e benfeitores.

Nasceu em 28 de fevereiro de 1893 em Torriglia (Genova) e foi transferido ainda pequeno para o Brasil. Acolhido por Pe. Carlos Dondero, um dos primeiros missionários na América do Sul, entra na Congregação em 10 de julho de 1914 e permanece até 1922 em Mar de Espanha (Brasil) onde cumpre os primeiros estudos ginasiais.

Completado então o Noviciado, emite a primeira profissão em 8 de dezembro de 1925 em Mar del Plata (Argentina). Aí cursa a escola secundária.

Para cursar a Teologia os Superiores enviam-no para a Itália com residência em Reggio Calabria onde recebe, das mãos do nosso Bispo Dom Felice Cribellati di Tropea, todas as Ordens e finalmente o Presbiterato em 24 de agosto de 1930. No ano anterior tinha emitido a profissão perpétua e feito o especial juramento de absoluta fidelidade ao Papa.

Depois da Ordenação, volta para a sua América como zeloso apóstolo e recebe sucessivos encargos em diversos países.

Em 1930 é diretor da escola agrícola em Floresta no Uruguai e aí permanece até 1934, quando é transferido como mestre profissional para o Patronato Obreros de Montevideu.

Em 1936 deixa o ensino e o apostolado entre os jovens para dedicar-se ao apostolado paroquial na Paróquia Divina Providência de Buenos Aires, até 1941. Por um ano estará depois no Colégio de Lanus e em 1942 em Claypole no Pequeno Cotelengo entre os sofrendores e deficientes.

Em 1948 deixa Claypole e segue para Mendoza. Em 1952 está em Mar del Plata.

Por um decênio, de 1952 a 1962, volta à sua primeira sede na Escola de La Floresta (Uruguai) de onde será transferido depois para o Pequeno Cotelengo de Montevideu, na Avenida Instrucciones.

E aí o piedoso confrade passou silenciosamente, mas também, operosamente, os seus últimos anos, edificando com a sua humildade, confortando os sofrendores com a sua delicada palavra, zelando sobretudo pela devoção à “Virgem de las Flores”, a Nossa Senhora das Flores, titular do Santuário de Canelones e sob cuja proteção Dom Orione quis colocar as nossas atividades na América do Sul.

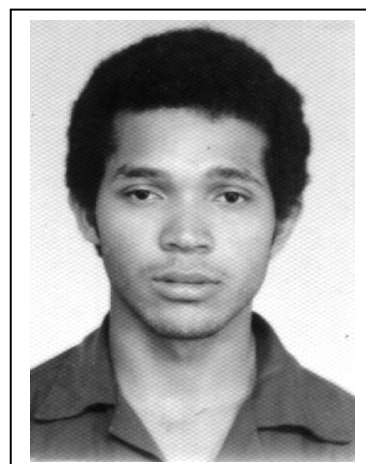
7

Abril

Cl. Maurílio Luiz Ferreira

Morreu em Corumbá de Goiás (GO), em 7 de abril de 1985, com 24 anos de idade e três meses de profissão.

A dolorosa notícia da sua morte chegou improvisamente. Nascido em São José de Safira (MG) em 3 de março de 1961, era uma vocação adulta: iniciou os estudos em nosso seminário de Belo Horizonte, depois do segundo grau foi admitido no Noviciado da Pequena Obra em Juiz de Fora no ano de 1984: ao término fez a primeira Profissão em 5 de janeiro de 1985. Entregue de coração à sua vocação, demonstrou sempre docilidade e plena disposição à obediência, caracterizando-se por um especial cuidado para com a liturgia sacra.



Depois do noviciado, foi destinado para Brasília, a capital federal, para a assistência aos nossos órfãos. Em dois meses de permanência naquela comunidade, estava muito bem inserido, desenvolvendo um ótimo apostolado entre os órfãos e os jovens. Faleceu em Corumbá de Goiás (GO), perto de Brasília, onde estava acompanhando os meninos do orfanato num passeio de páscoa, com apenas 92 dias de profissão religiosa.

Os funerais, realizados na Igreja Paroquial de Justinópolis, foram de particular piedade e solenidade. Presente a sua mamãe, alguns assistidos do Lar, nossos seminaristas de Belo Horizonte, imploraram, com especial oração de intercessão durante o doloroso rito, “numerosas vocações religiosas e sacerdotais para a Igreja e para a Congregação de Dom Orione”.

14
Abril

Pe. Pedro Pellanda

Morreu em Trebaseleghe (Padova) em 14 de abril de 1992, com 82 anos de idade, 52 de profissão religiosa e 40 de sacerdócio.

Originário de uma família de muitos filhos e de sincero sentimento religioso, conheceu a Congregação enquanto se encontrava em Roma, motorista no Vaticano, e abraçou a própria vocação com a consciência que lhe derivava dos anos e da seriedade do temperamento.

Nasceu em 4 de maio de 1910 em Cartigliano (Vicenza) e entrou na Pequena Obra em 13 de julho de 1938, acolhido no Instituto SS. Salvador da Via Sette Sale em Roma, onde teve a graça – que ele definia “grandíssima” – de conhecer Dom Orione, enquanto trabalhava como porteiro.

No ano seguinte foi destinado para o noviciado (1939-40) em Villa Moffa, vestiu o hábito sacro na festa da Imaculada e pronunciou os seus Votos Religiosos em 7 de setembro de 1940. Cumpriu regularmente os seus estudos ginasiais (entre Villa Moffa e a Villa San Biagio em Fano), o liceu (1946-48) no Seminário de Tortona e a teologia, sempre no Seminário de Tortona (1948-52).

Pronunciada a profissão perpétua no Santuário de Tortona em 11 de outubro de 1948 foi ordenado sacerdote na Catedral em 29 de junho de 1952. A sua preparação foi toda um tirocínio de santa fadiga, oferecida com filial devoção ao Servo de Deus Don Sterpi, como motorista da Casa Mãe, mecânico e factótun. Reflexivo, generoso, deu tudo de si à obediência com espírito de sacrifício e grande senso prático, utilíssimo naqueles anos de tanta necessidade para a jovem Congregação seja na Itália, como também no exterior.

Em 30 de junho de 1953 parte para as missões do Brasil, onde passou o restante da sua vida, incorporando-se aos costumes e à língua, com dedicação afetuosa. Depois de um triênio no Rio de Janeiro (1953-55), foi para Siderópolis, então Nova Belluno, onde desenvolveu louvavelmente o ofício de pároco, empenhando-se na construção da escola apostólica São Pio X; depois foi ainda pároco em São Paulo (1961-64), diretor em Belo Horizonte (1964-67) e Blumenau (1967-71), pároco em Ibarama (1971-75), vigário paroquial em Paraíba do Sul (1975-82), ecônomo e vigário Paroquial em Siderópolis (1978-88). Voltando à Itália, depois de 34 anos de Brasil, por razões de saúde, Pe. Pedro se confiou à divina bondade, aceitando com serenidade e constante oração o chamado do Senhor, recordando os anos calorosos da sua vocação tardia, quando, entre os “caríssimos”, simbolizou um pouco a vontade tenaz do êxito da glória do Senhor e a consolação da amada Pequena Obra. O seu exemplo atraiu também o irmão Pe. Antônio e as irmãs, Ir. Maria Giacinta e Ir. Maria Elena, comprometidas com o serviço religioso no exterior em Institutos da Pequena Obra.

Em 24 de março de 1950, pronunciou o juramento sobre a pobreza e em 12 de março de 1988 aquele de fidelidade ao Papa. “Sou feliz – deixou escrito – por ter destinado a minha vida ao único e maior Amor, Jesus Cristo, à causa das vocações sacerdotais e religiosas. Feliz de ter-me esforçado para tornar-me um filho devoto de Maria Santíssima e do beato fundador Dom Luís Orione.”

16**Abril****Pe. Francisco Arlotti**

Morreu na casa do Jardim Botânico no Rio de Janeiro, em 1946, com 45 anos de idade, 25 de profissão e 17 de sacerdócio.

Foi chamado por Dom Orione ao Brasil, trabalhou na casa do Jardim Botânico em 1924, como clérigo, em 1928 voltou para a Itália para receber as Ordens Sacras. Trabalhou, depois, em Niterói como pároco e reitor do seminário. Faleceu após breve enfermidade, foi sepultado no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

16**Abril****Pe. Stanislaw Swiderski**

Morreu em Araguaína (Brasil) em 16 de abril de 1993 com 74 anos de idade, 46 de profissão e 38 de sacerdócio.

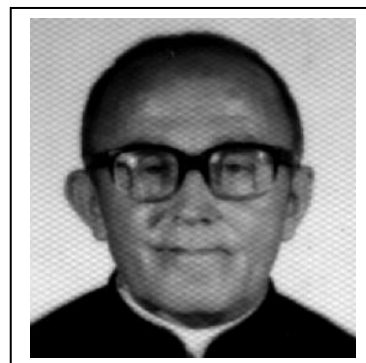
De Swidry (Polônia), nasceu em 22 de maio de 1918 e entrou no Colégio orionita de Zdunska Wola onde desde 1932 funcionava um seminário menor, cujo diretor era Pe. Biagio Marabotto. Aí conhece o carisma do nosso Fundador sentindo e demonstrando ser chamado à vida religiosa na Congregação.

Mas, em 1939, estourada a Segunda guerra mundial, é convocado para servir: aprisionado, permanece por dois anos num campo de trabalhos forçados na União Soviética. Em 1941 alistou-se no exército do general Andres e chegou à Itália, participando, em 1944 da batalha de Montecassino. Dispensado em 1945 pôde finalmente entrar na Congregação, em 25 de outubro.

Fez o noviciado em Villa Moffa, tendo como Mestre Pe. Cavaliere e professou a primeira vez em 24 de dezembro de 1946; fará depois os votos perpétuos em 2 de março de 1952 nas mão de Pe. Pensa, em Miradolo (Torino). Cumpru o seu tirocínio na Casa para os pequenos deficientes em Gallio (Vicenza), onde deixou, naqueles anos de pós-guerra, recordações ainda vivas, dos sacrifícios por ele empreendidos para o bem daqueles jovens infelizes.

Ao declarar ter cumprido a escola secundária como soldado pôde completar a filosofia em Villa Moffa e a Teologia em Tortona. Em 1954, no dia 29 de junho, recebeu a sagrada ordenação sacerdotal, sendo julgado pelos seus superiores como dócil, disponível para as necessidades dos outros, generoso no trabalho, empenhado na oração e disposto a dirigir-se para as missões.

Completado na Inglaterra o estudo da língua inglesa, já um pouco aprendida ao lado dos soldados ingleses durante a guerra, daí partiu, em junho de 1959, para o Brasil, no Goiás, como tinha desejado tanto. Trabalhou como pároco em Filadélfia, Xambioá (1961), Babaçulândia (1966), em Tocantinópolis (1968-72), em Axixá (1972-77), em São Sebastião do Tocantins (1977-1980). Depois passou alguns meses no Estados Unidos, ao lado de Pe. Wieczorek, voltando depois ao Brasil, em Tocantinópolis, onde viveu até o fim com dedicação.



Foi vice pároco, pároco, mas antes de tudo, padre que facilmente se aproximava do povo e que acolhia tranqüilamente quem o procurava.

Mesmo com problemas de saúde, demonstrou-se sempre pronto para servir. Na última visita à família foi proposto a ele de ficar na Polônia e trabalhar no país de origem, mas ele, ainda uma vez, escolheu os pobres, consumando-se até o fim, no espírito de Dom Orione, para a população do Goiás, freqüentemente privada de pastores de almas e necessitada de tudo. Mesmo com seu espírito aventureiro e forte mas generoso e maleável, deixa recordações de piedade, obediência, rico de amor a Deus e à Congregação, e de zelo pelas almas.

21
Abril

Pe. Vittorio Brusaterra

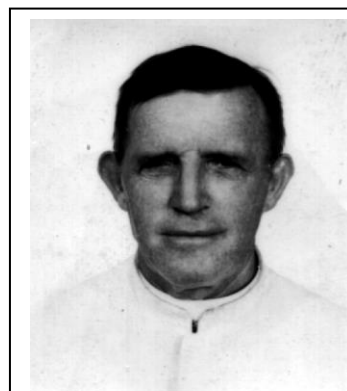
Morreu em Rio Claro (SP), em 21 de abril de 1986, com 77 anos de idade, 56 de profissão e 50 de sacerdócio.

Nascido em Paris, em 23 de dezembro de 1909, tinha escolhido desde pequeno a vocação missionária junto aos Padres Combonianos onde fez os cursos ginasiais, chegando a entrar também no noviciado: mas foi constrangido a deixá-los por um acentuado problema de audição, causado por uma queda súbita aos 4 anos de idade.

Acolhido em Tortona por Dom Orione em 15 de outubro de 1928, recebeu o hábito sacro das mãos de Dom Cribellati uma semana depois, em 22 de outubro, completando depois o noviciado em 1933-34 e professando em perpétuo no dia 15 de agosto do ano seguinte. Foi ordenado sacerdote por Dom Melchiori em 7 de março de 1936, depois de ter concluído os cursos do liceu e teologia no Seminário de Tortona. Conforme o seu desejo, Dom Orione chamou-o para a Argentina como assistente espiritual do Pequeno Cotelengo de Claypole, em junho de 1936. Trabalhou depois em Lanús e em Mar del Plata, passando depois, como pároco, por dez anos, pela Paróquia de São Tomás de Aquino em Pueblo Soca (Uruguay). Em 1952 foi mandado com Pe. Reborá para a Igreja de São Carlos e daí, finalmente, para a tão desejada verdadeira missão, no Goiás (hoje, Tocantins), como desde jovem ansiava. “É o ideal da minha vida sacerdotal, sinto-me missionário”, escrevia aos Superiores, “e desejo viver a verdadeira vida missionária, como expressei quando entrei na Congregação e como sempre desejei... Eu não peço cargos, mas trabalho e sacrifício, para a salvação dos pobres infiéis que esperam ouvir falar do bom Deus, que os salvará... Jesus me dará esta graça insigne, que eu peço, com toda a efusão do coração, depois da Santa Missa e nas visitas que a Ele faço cada dia...”.

Depois de uns vinte anos, as suas condições de saúde, a plena solidão causada pela acentuada surdez impuseram-lhe de deixar um trabalho solitário para oferecer a sua colaboração num instituto onde a vida comunitária ajudasse a eliminar ou minimizar suas limitações.

Teve a oportunidade de passar pelas casas de formação na Itália e transmitir aos jovens aspirantes o entusiasmo da sua paixão missionária. Ligadíssimo a Dom Orione e a Dom Sterpi – do qual recordava ter sido chamado “o meu querido”- recordava as fadigas e o fervor dos anos em que, “caríssimo entre os caríssimos”, trabalhou na construção do Santuário da Guarda, em estreito contato com o amor que o Fundador e os seus primeiros colaboradores nutriam e praticavam para com a Santa Mãe de Deus, Rainha da Guarda. Pe. Brusaterra é inesquecível figura de religioso missionário entusiasticamente entregue à sua vocação de filho de Dom Orione, sem lamentações, dúvidas ou incertezas, voltado como dizia “a viver e morrer nos caminhos estreitos e também difíceis da Congregação”.



29
Abril

Pe. Nazareno Orzi

Morreu em Tortona em 1946, com 76 anos de idade e 49 de sacerdócio.

Nasceu em Grotte di Castro (Viterbo) em 1870, foi ordenado em 1897 e foi enviado para o Brasil em 1925, residindo no Jardim Botânico, Rio de Janeiro. Voltou para a Itália em 1930, deixando os compromissos religiosos, mas permanece agregado até o fim de sua vida em Tortona.

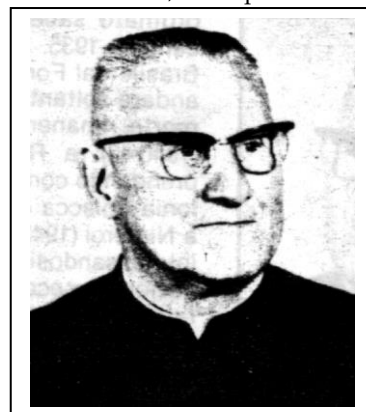
8
Mai

Pe. Wladyslaw Wawrowski

Morreu no Hospital de Zdunska Wola em 8 de maio de 1984, com 79 anos de idade, 56 de profissão e 49 de sacerdócio.

Nasceu em Witów (Sieradz - Polônia) no dia 12 de outubro de 1905 e depois de ter frequentado os dois primeiros anos de ginásio em Lisków (Kalisz) e em Wloclawek, no Seminário menor, entrou em 7 de janeiro de 1926 em nossa comunidade de Zdunska Wola, acolhido por Pe. Aleksander Chwilowicz e por Pe. Biagio Marabotto. Aí terminou o ginásio.

Passou os anos seguintes (1927-29) como estudante do secundário, cursando também a filosofia e depois como assistente e professor dos alunos menores do Colégio.



Para a formação teológica foi mandado em 1929 para estudar em Tortona, na Itália. Em 6 anos estudou a língua, a teologia, prestando também o trabalho de assistente em Fano (Pesaro); foi ordenado sacerdote em 29 de junho de 1935, depois de ter professado em perpétuo no dia 20 de dezembro de 1934 nas mãos de Dom Sterpi.

Como neo-sacerdote trabalhou na Itália, desejoso porém de ser missionário no exterior. O próprio fundador enviou-o para o Brasil, mas a sua partida só ocorreu um mês depois da morte de Dom Orione.

No Brasil permaneceu 7 anos: três no Rio de Janeiro – com algum contato com a colônia polonesa na cidade – e depois em São Paulo e Niterói, com a mesma possibilidade de prestar serviço apostólico aos conterrâneos, compromisso este recomendado pelo Fundador, o qual, estourada a Segunda guerra Mundial, interessou-se tanto pela invadida Polônia e pelos seus filhos. Do Brasil, Pe. Wladyslaw voltou para a Polônia em 1947, após a guerra.

Na pátria os seus ofícios foram diversos: trabalhou no Instituto para órfãos em Tlokinia, próximo a Kalisz, imediatamente liquidado pelo Estado; depois como Ecônomo em Zdunska Wola (1950-55), em Wloclawek (1972-75) e de novo em Zdunska Wola, até a morte. Foi também Diretor em Zdunska Wola (1955-58), em Malbork (1958-64), em Wloclawek (1964-67) e em Izbica Kujawska (1968-69).

Distinguiu-se pelo grande empenho no trabalho, pela sua cordialidade e entusiasmo nas atividades comunitárias. Foi um sacerdote que criava sempre a boa atmosfera da alegria. Estimado por todos, e como tal permaneceu também em nossa memória. Descanse em paz!

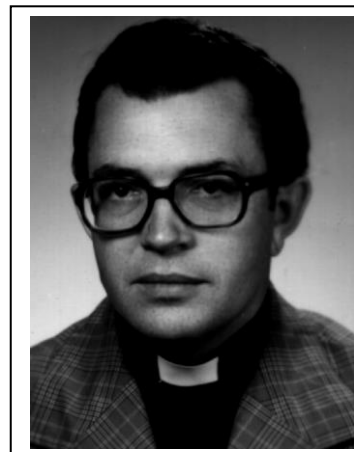
13
Maio

Pe. Antônio Lewandowski

Morreu no Hospital Oncológico de Varsóvia em 13 de maio de 1984, com 52 anos de idade, 33 de profissão e 25 de sacerdócio.

Nasceu em Ruminki-Maliszewo a 45 km de Wloclawek (Polônia), em 5 de junho de 1932, depois do ginásio (1950) entrou no noviciado da Pequena Obra.

Em nosso Seminário Maior de Zdunska Wola cumpriu os cursos secundários, filosóficos e teológicos (1951-1959). No mesmo período, por algum tempo, esteve também no Instituto “Caritas” de Kalisz como assistente dos internos, demonstrando capacidade organizativa e pedagógica. Em 5 de julho de 1959 foi ordenado sacerdote.



Depois da ordenação passou um ano pastoral em Cracóvia, onde o então Dom Karol Wojtyla (hoje, João Paulo II) tinha apenas começado a desenvolver a sua vasta atividade episcopal. Depois, por oito anos, foi vigário paroquial e professor de religião em Wloclawek (1960-1961), em Zdunska Wola (1961-1963) e em nossa paróquia de Kalisz (1963-1968), e em seguida (1969-1972) na própria capital, na paróquia de S. Giacomo. Em qualquer lugar era apreciado pela sua pregação.

Em 1972 exprime o desejo de ser missionário e foi destinado para o norte do Brasil. Em Axixá, norte do Tocantins, prestou a sua primeira atividade ao lado de Pe. Stanislaw Swiderski, e aí permaneceu até o final de 1980: primeiro como vice-pároco e a partir de 1975 como diretor e pároco, não poupando-se de nenhuma maneira. Estava feliz com a sua vida missionária mesmo em meio a tantas provações. Nas visitas que fez à Polônia soube suscitar um extraordinário entusiasmo pelas missões.

Nomeado diretor – pároco em Xambioá, aí desenvolve a sua atividade pastoral até o retorno para a Polônia em janeiro de 1984, sempre mantendo cordiais e encorajadores contatos com os outros missionários poloneses. Pe. Stanislaw Swiderski permanece seu amigo mais próximo. É ele quem o acompanhou da missão até Roma e depois à Polônia, quando Pe. Antônio, atingido por um mal incurável (câncer) e perfeitamente consciente disso, soube edificar todos com a serena aceitação da gravíssima prova.

Em 28 de janeiro de 1984, depois de ter celebrado com Sua Santidade João Paulo II, de joelhos pediu uma bênção para poder aceitar em tudo a vontade de Deus. O Santo Padre comoveu-se e concedeu-a do fundo do coração. Em maio, a Pe. Marian Kucha, Diretor Provincial, que estava para partir para Czestochowa, declarou: “Leve a minha oferenda a Nossa Senhora: a minha vida pelo Papa”. Morreu algumas horas depois do retorno do Provincial que confirmava: “Eu levei a sua oferta”.

Descanse em paz!

22
Maio

Pe. Juan Carlos Frigerio

Morreu em Mercedes (Argentina) em 22 de maio de 1981, com 61 anos de idade, 40 de profissão e 33 de sacerdócio.

Nascido de pais italianos em Avellaneda (Buenos Aires - Argentina) em 28 de abril de 1920, entrou na Congregação em 26 de novembro de 1938. Fez o Noviciado em Claypole no ano de 1940-41 emitindo a sua primeira profissão em 11 de fevereiro de 1941, festa da Aparição de Lourdes.

Seguiu para o tirocínio cumprido em Mar del Plata na qualidade de mestre elementar e depois (1945-47) em Claypole junto aos doentes do Pequeno Cotelengo onde obteve também o diploma de enfermeiro.

Fixando-se em Claypole, também para o estudo da Teologia, foi ordenado sacerdote no dia 18 de dezembro de 1948.

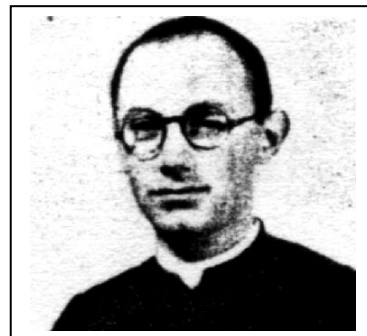
Aí se entregou imediatamente ao encargo de Vigário Cooperador na Paróquia de Nossa Senhora da Divina Providência em Buenos Aires de 1949 a 1951. Em 1952 foi transferido, sempre como Vigário, para a Paróquia São Rocco de Saenz Pena del Chaco.

É deste período uma sua edificante carta a Pe. Pensa, Superior Geral, na qual pede para ser enviado como missionário para uma terra estrangeira: “Para minha santificação pessoal, glória do meu sacerdócio e perseverança neste Instituto tão querido, peço para ser destinado a alguma missão estrangeira. Depois de vários dias de meditação, resolvi escrever esta carta, obedecendo a uma inspiração do bom espírito que me veio esta manhã durante a Santa Missa, no dia do glorioso Santo Agostinho”.

E de fato foi enviado ao Brasil para a, então jovem, missão goiana. Chegou no dia 13 de setembro de 1953.

Tendo voltado para a Argentina em 11 de novembro de 1955, foi assistente dos jovens no Colégio de Mercedes, onde dedicando as suas forças para o bem daqueles pequenos deserdados, transcorreu os últimos dias a ele concedidos pela Providência antes do chamado à eternidade.

A grande saudade deixada em todos, confrades e alunos, com a sua partida, é o melhor testemunho de quanto zelo animou a obra do saudoso confrade.



10
Junho

Pe. Geraldo Pedro Alexandre

Morreu no Rio de Janeiro em 10 de junho de 1996, com 60 anos de idade, 39 de profissão religiosa e 29 de sacerdócio.

Tinha 16 anos o nosso “Pepê” – como era chamado na intimidade da família orionita – quando escolheu entrar na comunidade de São Julião para frequentar o ginásio, cultivar e robustecer a semente da vocação religiosa e sacerdotal.

Nascido em 26 de novembro de 1936, em Rio Espera (MG), e batizado no dia 3 de dezembro seguinte, frequenta a escola elementar (1934-50), distinguindo-se pela boa piedade.

Entrou no Noviciado de Belo Horizonte (1956-57) e sob a guia de Pe. Luís Lazzarin, estudou o espírito e as regras de Dom Orione e as próprias atitudes pessoais, confirmando-se na opção feita, professando pela primeira vez em 11 de fevereiro de 1957. Completa o tirocínio como assistente dos jovens no vizinho Lar (1957-59) antes de prosseguir os estudos no Rio de Janeiro (1959-60) e em São Paulo (1960-62); pronuncia a profissão perpétua de consagração a Deus no dia 8 de setembro de 1963, em Juiz de Fora. No Rio de Janeiro participa com proveito do curso teológico (1964-67), coroado pelo Presbiterato, que recebe na Igreja Paroquial de origem, com objetivo de propaganda vocacional, em 9 de julho de 1967, pela imposição das mãos de Dom José Brandão de Castro. Destinado para Belo Horizonte como professor e assistente dos jovens, ajuda no ministério paroquial com generosidade e discrição (1967-75). Depois, como Vigário Paroquial em Porto Alegre (1975-77); em Ouro Branco (77-79); e em Morada Nova como pároco (79-81).

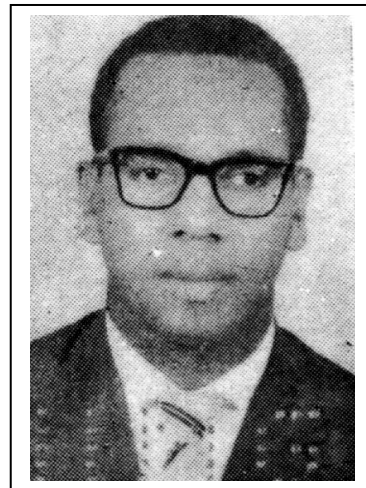
Depois de um ano (1982) em Belo Horizonte, colabora no cuidado pastoral em nosso Santuário Paroquial Nossa Senhora de Fátima até 1986. Nesse meio tempo emite o IV Voto de Especial Fidelidade ao Papa (12 de março de 1984). Tem também a alegria de festejar, em 1992, o 25º de ordenação com a sua gente de Rio Espera, profundamente católica.

Trabalha como vice-pároco na Paróquia de São Francisco Xavier de Niterói, aceitando e oferecendo ao Senhor os seus problemas de saúde que vão se agravando, constringindo-o à dependência (1986-95), mas prodigando-se sem se poupar na condução das almas.

Em 1985, para dar-lhe melhor assistência, os superiores o destinam à Comunidade Rio-Jardim Botânico onde, entre Paróquia e Hospital, Pe. Geraldo Pedro continua a viver o sacerdócio “fervoroso e ardente, a imitação do nosso santo fundador Dom Orione e do nosso venerável Don Sterpi”, como está escrito no seu pedido para o presbiterato de 18 de dezembro de 1966.

Definido como “de índole boa, caridoso, jovial, dócil e respeitoso, obediente e sempre disposto para qualquer trabalho, criterioso e apto para diversas atribuições...”, o longo trabalho apostólico e pessoal plasma a sua personalidade na humilde e discreta operosidade.

A pergunta: “que trabalho deverei desenvolver na nova comunidade?”, que seguia à sua pronta obediência, denota a capacidade de esconder-se na alegria e na serenidade do sofrimento que, mesmo destruindo-lhe o físico, fortifica o espírito e o desejo de santidade, que ele alimentou na escola do altar e nos exemplos de Dom Orione, referências constantes do seu ser sacerdote e consagrado.



12**Junho****Pe. Nicola Rébora**

Morreu em Claypole (Argentina) em 1963, com 64 anos de idade, 36 de profissão e 35 de sacerdócio.

Nasceu em Gênova no ano de 1899 e foi ordenado em 1928. Chegou ao Brasil em 1933 e trabalhou no Rio Jardim Botânico. Foi Pároco e Diretor em Niterói em 1935 e transferido em novembro do mesmo ano para a Argentina.

**15****Junho****Pe. Mário Ghiglione**

Morreu no Rio de Janeiro em 1953, com 68 anos de idade, 41 de profissão e 43 de sacerdócio.

Nasceu em Bettola di Villavernia, no interior tortonês, em 7 de junho de 1885. Disponível e alegre seguiu a vocação que chamava-o à escola de Dom Orione, entrando jovenzinho no Colégio de Santa Clara, onde o nosso Fundador plasmou-o, imbuindo-o de preclaros dons de alma. Fez os seus estudos de filosofia em San Remo e aqueles de teologia no Seminário Episcopal de Tortona, sendo ao mesmo tempo o assistente no antigo postulante de via Mirabello. Foi consagrado sacerdote na Festa de São Pedro em 1910. Trabalhou em nossa Colônia Agrícola de Monte Mário (Roma) onde foi diretor.



Em 1921 Dom Orione conduziu-o ao Brasil, onde desenvolveu o seu apostolado sacerdotal por todo o restante da sua vida. No dia 1 de janeiro de 1922 foi constituído pároco de Mar de Espanha e Dom Orione escrevia um santinho com o seguinte escrito no verso: “De Mar de Espanha. Hoje, primeiro dia do ano de 1922, enquanto Padre Mario Ghiglione é proclamado pároco desta cidade, e o seu Superior e Pai, os seus Confrades e o povo rezam por ele, envio-lhe a Santíssima Virgem que aqui o conduza e depois sempre acompanhe com a sua materna proteção, e abençoe-o em Jesus Cristo. Sac. Orione da Divina Providência”.

No final de 1951, acometido de grave mal recebeu do Superior Geral a obediência de dirigir-se à Itália para curar-se e recuperar-se. Submetido a duas dolorosas intervenções cirúrgicas, esteve por longo tempo convalescente em San Remo e passou também alguns meses na Casa Mãe de Tortona, edificando a todos com a sua simplicidade pura e serena, com o seu espírito de veraz piedade e convicção religiosa.

Em 3 de novembro de 1952 retornava ao Brasil, acompanhando o novo Diretor Provincial, Pe. Angelo Bartoli. Tinha pedido o retorno como uma graça; desejava morrer no Brasil, onde tinha passado 32 anos de apostolado. As suas últimas forças sacerdotais foram consumidas junto ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, especialmente no confessional.

No caixão estava revestido dos sagrados paramentos, levava no peito o crucifixo com o qual tinha partido missionário 32 anos atrás, entrelaçado com o terço e enfaixado com o lenço com o qual o Bispo lhe havia ligado as mãos, depois de tê-lo consagrado na ordenação sacerdotal. O seu corpo foi velado amorosamente pelos nossos confrades e pelas Associações Masculinas e Femininas do Santuário em comovente concorrência de orações e de sufrágio.

Pe. Mário foi um verdadeiro Religioso, “in quo dolus non fuit”; foi um filho da obediência puro e sincero. Foi um autêntico “pobre de espírito”, que tudo deu a Deus e à Congregação. Quando, no fim de 1951, foi à Itália para curar-se, recebeu do seu Diretor Provincial uma certa quantia, que poderia gastar para conhecer e visitar a muitas obras suscitadas pela Divina Providência durante a sua permanência no Brasil. Pe. Mário se privou da alegria de ver o maravilhoso florescimento de expansão da Congregação e isto unicamente pelo espírito de mortificação e de pobreza religiosa, para reservar aquele dinheiro à Congregação, a fim de que esta o gastasse “com mais utilidade”, dizia. E até para fazê-lo andar, por uma breve visita, à cidade natal, em Bettola distante poucos quilômetros de Tortona, teve que ser quase a força na velha “topolino” a serviço da Casa Mãe. Não queria que se gastasse o combustível com ele. Pe. Mário, tendo amado e praticado a pobreza de Cristo, está agora enriquecido com a riqueza de Deus.

15
Junho

Pe. José Montagna

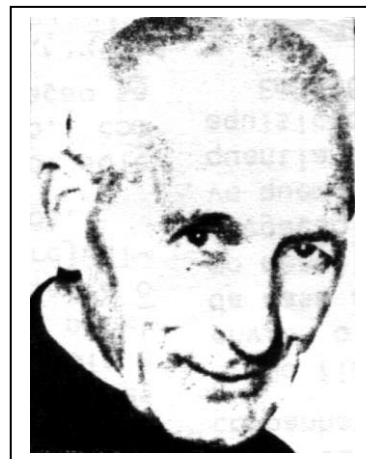
Morreu em Genova Peverano em 15 de junho de 1973, com 86 anos de idade, 64 de profissão e 61 de sacerdócio.

Natural de Pontecurone (Alessandria – Itália), foi um dos primeiros alunos e depois colaboradores de Dom Orione, que o recebeu com a idade de 12 anos no Colégio Santa Clara de Tortona.

Tendo entrado em 19 de outubro de 1899, revestiu o hábito talar em 21 de junho de 1900 em São Remo, onde frequentou o ginásio e o liceu. Diplomou-se em filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e frequentou também a Sagrada Teologia.

Emitiu a Primeira Profissão em Villa Moffa em 1909, e depois a Perpétua em Tortona em 1912. No mesmo ano foi ordenado Sacerdote em Ventimiglia.

Em seguida ocupou cargos de direção nas seguintes Casas: Colônia Agrícola de Cuneo (1912-1919); Tortona – Casa Mãe (1919-1922); Argentina – Vittoria (1922-1924); Porto Mar del Plata (1924-1925); Genova – Pequeno Cotelengo (1925-1927); Uruguai – Patronato de Obreros (1927-1934); Argentina – Lanus (1934-1937); Uruguai – La Floresta (1937-1942); Argentina – Claypole (1942-1948); Brasil – Rio de Janeiro (1948-1952); Roma – Casa Provincial Santos Apóstolos Pedro e Paulo, onde ocupou o cargo de Vigário Provincial e depois de Conselheiro Provincial (1952-1964).



Em 1964 foi nomeado Conselheiro na Comunidade Religiosa da Postulação para a Causa de Beatificação de Dom Orione. Nos últimos anos de vida foi transferido para o Centro de Jovens Mutilados e com Poliomielite onde desenvolveu com proveito os ofícios de Padre Espiritual dos Sacerdotes e rapazes da Obra orionina da Via della Camilluccia.

Adoentado por deficiência cardíaca, foi internado no Policlinico Gemelli e depois – por seu expresso desejo – transferido para o Paverano de Genova onde, assistido carinhosamente pelos nossos Religiosos, retornou ao Senhor em 15 de junho de 1973, edificando na doença com seu pleno abandono em Deus como edificou sempre durante a vida com a sua fé, a sua humildade, a sua pureza e aquele exemplo de oração que é próprio dos verdadeiros Homens de Deus.



Morreu em Milão em 18 de junho de 1971, com 61 anos de idade, 34 de profissão e 27 de sacerdócio.

Natural de Ruttars di Cormons (Gorizia), foi acolhido em nossa Obra, em Tortona, em 27 de junho de 1935 e fez o noviciado em Villa Moffa em 1936-37, emitindo os primeiros votos no dia 8 de dezembro de 1937.

Em abril de 1938 apresentava o pedido para ser “missionário” nas casas da América do Sul e em maio do mesmo ano partiu para o Brasil, mandado diretamente por Dom Orione.

Emitiu os votos perpétuos no Rio de Janeiro em 8 de dezembro de 1940 e foi ordenado sacerdote em Paraíba do Sul em 23 de abril de 1944.

Por uns vinte anos trabalhou nas Casas do Brasil, distinguindo-se pelo seu zelo e espírito de sacrifício, na Gávea, em Niterói e, especialmente, em Curitiba, onde esteve por diversos anos e construiu a grande igreja de Santa Quitéria, a casa paroquial e as obras sociais anexas. Da Paróquia de São Francisco, em Niterói, passava em 1966 para o Chaco Argentino, em Barranqueras, e depois para o Santuário de Nossa Senhora de Itati.

Afetado por um grave tipo de diabete, em 1969 voltou para a Itália para curar-se, por ocasião dos seus vinte e cinco anos de sacerdócio, que não pôde celebrar, porque obrigado a passar de um hospital a outro, de Cormons (Gorizia) em Genova, ao Pequeno Cotelengo de São Remo, novamente em Genova “Paverano” e em “San Martino”, ainda mais uma vez no Paverano, depois em Milão, no Hospital Maior e no Pequeno Cotelengo, onde morreu – na casa do Jovem Trabalhador – depois de um imprevisto colapso, em 18 de junho de 1971, enquanto tinha ainda viva esperança de recuperar-se para retornar ao Brasil.

Tinha pedido e recebeu o óleo dos enfermos com edificante piedade, em maio de 1970 no Hospital S. Martino de Genova e durante o longo calvário edificou com o seu espírito de oração, a sua filial devoção e confiança em Nossa Senhora. Numa comunicação aos Confrades do Brasil, o diretor provincial Pe. Pattarello escreveu sobre ele:

“Estava sempre presente nos momentos de oração e sempre pronto para o trabalho, também nos momentos mais difíceis. As Casas que o tiveram como religioso e apóstolo sempre receberam dele vigoroso impulso para o seu desenvolvimento.”

Na terra de Santa Cruz, onde tantos anos atrás chegava ainda clérigo, animado por generosa ânsia apostólica, a sua memória permanece como benção.

20
Junho

Pe. Antônio Pirazzini

Morreu na Casa de Paverano em Genova, em 20 de junho de 1992, com 77 anos de idade, 59 de profissão religiosa e 49 de sacerdócio.

Foi acolhido em Tortona por Dom Orione e Dom Sterpi em 24 de setembro de 1930, com 15 anos, tendo nascido em 27 de janeiro de 1915, em Imola (Itália), depois de ter sido aluno da Obra dos Pios Estudantes (1927-30) do Cônego Bughetti em Imola, onde iniciou os estudos ginasiais, depois completados em nosso Seminário *Missioni S. Antonio* em Voghera (1930-32). Fez regularmente o seu noviciado em Villa Moffa, sob a guia de Pe. Cremaschi (1932-33), professando, a primeira vez, na festa da Imaculada no dia 8 de dezembro de 1933.

Após a escola secundária na Casa Mãe de Tortona (1934-35), pediu e obteve a graça de ser enviado como missionário para o Brasil: partiu em abril de 1937, mas motivos de saúde - um mal estar nervoso depressivo - induzem os superiores a fazê-lo retornar em 27 de março de 1939, confiando-o ainda à sábia benevolência de Pe. Cremaschi.

Completa a teologia no Seminário de Alessandria (1939-42) e na escola da Pequena Obra em Tortona. Recebeu a ordenação presbiteral em 29 de junho de 1943, sendo precedida pela profissão perpétua em 17 de setembro de 1942; todas as ordens sacras foram conferidas a ele por Dom Melchiori, Bispo de Tortona. No período da guerra reaparece os complexos de “angustiosa incerteza, de temor e de esperanças”, como ele mesmo os definia, que o levaram a transcorrer alguns períodos na sua diocese e na família até 1952, alternados com momentos de serenidade e de paz entre os seus confrades, em Alessandria como ecônomo na Casa de São Rocco (1944-45) e de capelão em Genova Camaldoli. A depressão nervosa e melancólica volta a afligi-lo com momentos de cansaço físico e abatimento de 1952 a 60, até que “Dom Orione vence, obtendo-lhe a graça de um completo abandono à vontade dos superiores, única via de paz e salvação”. Em 1960, Pe. Antônio volta sereno e confiante ao Centro Mutilatini de Monte Mário, onde a sua saúde encoraja à plena retomada do trabalho, desenvolvido quase completamente nas Casas de Genova, Camaldoli e Paverano. Confidenciava ter oferecido, de coração aberto, os próprios sofrimentos à divina bondade para o bem da amada Congregação, na qual teve a consolação de pronunciar, na festa da Guarda de 1984 o voto de fidelidade e amor ao Papa. Dotado de natural bom humor soube doar às comunidades nas quais viveu o espírito de alegria que contribui muito para a sincera fraternidade. “Tenho um só desejo – deixou escrito -: ser totalmente de Deus e da congregação, como quer Dom Orione. Obrigado, ó Senhor Jesus, de ter-me querido teu sacerdote. Por Ti, contigo, em Ti, ontem, hoje e sempre”.

24
Junho

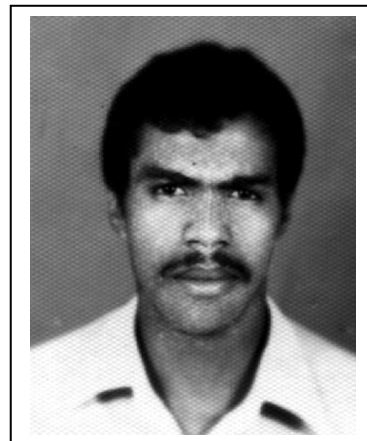
Cl. Milton Zeferino Tiago

Morreu em São Paulo no dia 24 de junho de 1991, com 35 anos de idade e 8 de profissão religiosa.

Nasceu em Guaraciaba (MG) em 26 de agosto de 1956, e tinha completado os estudos e o seu noviciado em Juiz de Fora com a profissão religiosa em 5 de janeiro de 1983.

Depois de 12 anos de estudos e preparação religiosa, o caro confrade fazia o pedido em 10 de março de 1991 de ser admitido à sagrada ordem do diaconato e, na data de 7 de maio seguinte, o Conselho geral anunciava o acolhimento do pedido. É recordado também pelo zelo e dedicação com que prestava a sua ajuda pastoral nas comunidades paroquiais próximas ao Instituto Teológico de Cotia. Fez a profissão perpétua no dia 12 de janeiro de 1991. Dotado de bom diálogo e de filial submissão aos Superiores, o Cl. Milton esperava aproximar-se mais definitivamente do sacerdócio com o diaconato, que teria recebido no dia de São Pedro, 29 de junho de 1991.

Fez, dias antes, o ofertório da sua vida ao Pai!

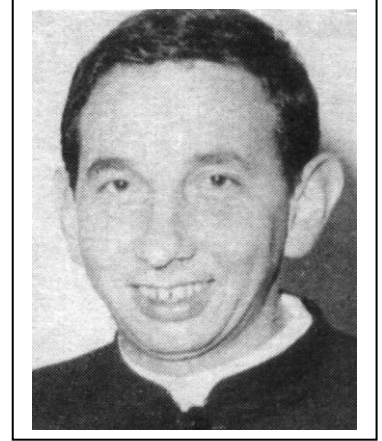


1**Julho****Pe. Giuliano Moretti**

Morreu no Rio de Janeiro, no dia 1º de julho de 1978, com 48 anos de idade, 31 de profissão e 21 de sacerdócio.

Entrou no Instituto São Carlos de Buccinigo d'Erba (Como) em 1945, acompanhando os conterrâneos Pe. Rocco e Pe. Stanislao Tonoli que sentiam-se atraídos por Dom Orione, enquanto que o irmão Secondo tinha escolhido, já alguns anos, o seminário diocesano.

Emitiu os primeiros votos em 1947, foi ordenado sacerdote dez anos depois em Tortona, após o seu tirocínio na Colônia Santo Antonio de Cuneo. De 1957 a 1966 doou-se aos aspirantes de Botticino, cedido então pelo Bispo de Brescia à nossa Congregação: era ecônomo, assistente, professor e, sobretudo, incomparável animador.



Foi então nomeado superior do seminário de Voghera e responsável da nova Paróquia de São Pedro.

Depois de apenas três anos – com grande pena da comunidade paroquial e dos seus jovens – realizando uma antiga vocação missionária, respondia generosamente ao convite dos Superiores que o destinava para o norte do Brasil. Na Prelazia de Tocantinópolis, desde 1970, deu o melhor de si, ao lado do Bispo Dom Chizzini, que teve nele um dos mais válidos e fiéis colaboradores.

Pároco, Vigário geral, coordenador pastoral, superior do seminário, não economizou fadigas e sacrifícios, doando-se com grande entusiasmo – porém em meio a não poucos sacrifícios – e edificando todos com o exemplo da sua vida sacerdotal religiosa.

Correu várias vezes perigo de vida – por gravíssimos infortúnios, dos quais escapou milagrosamente – e se esperava muito que superasse também a doença misteriosa que provocou sua vinda do norte para o Rio de Janeiro. Suas condições, porém, se agravaram por causa de uma pancreatite aguda.

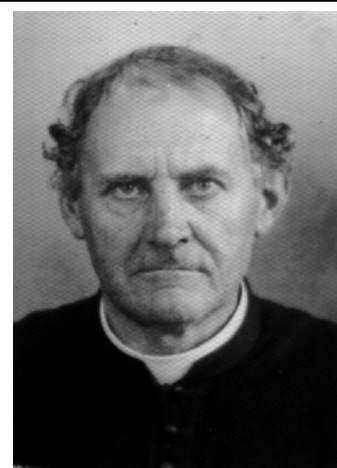
Nossa Senhora veio ao seu encontro no primeiro Sábado de julho, depois de dias tão sofridos, mas iluminados pela sua grande fé, pela plena e serena disponibilidade ao querer de Deus. Edificou os irmãos Pe. Secondo, Enrico e Giuseppe, e os confrades que o assistiram amorosamente com o seu heróico “fiat” e a comovente oferta da vida pela Igreja, pelo Papa e pelas almas.

Foi sepultado no Cemitério do Caju, e depois seus restos mortais foram levados para Tocantinópolis e sepultados na Catedral. A comunidade de Tocantinópolis reverenciou sua memória dando o seu nome a uma Escola Pública no Bairro Azul.

5**Julho****Pe. Carlos Alferano**

Morreu em Genova em 1955, com 74 anos de idade e 50 de sacerdócio.

Natural de Casal Cermelli (Alessandria – Itália), não era religioso da Congregação, mas agregado, chamado por Dom Orione ao Brasil em 1922. Esteve na Casa de Preservação em 1922 e, dois anos depois, foi para a casa do Jardim Botânico. Foi o primeiro pároco da Achiropita em São Paulo, de 1926 a 1941. Primeiro diretor também em Paraíba do Sul (1941-42). Novamente em São Paulo e depois volta para a Itália (1947). Testemunhos da sua vida dão conta de que nutria um grande amor por Nossa Senhora, algum confrade até mesmo diz que quando pregava sobre Maria, “esquecia o relógio”.

**8****Julho****Pe. Vittorio Gatti**

Morreu em Tortona aos 8 de julho de 1954 com 83 anos de idade. Era do clero da Diocese de Tortona.

Foi colega de tiro militar de Dom Orione e Perosi. Sacerdote, sai da Diocese de Tortona e se une a Dom Orione que o hospedou como agregado até a morte. Foi enviado para o Brasil em 1906 por Dom Orione para solucionar alguns problemas na Congregação de Madre Michel. Esteve no Brasil por 2 meses: de 10 de julho a 10 de setembro de 1906. Ajudou ainda a Congregação em Rodes e na Palestina e como Visitador foi à Polônia. Foi o primeiro padre que não era da Congregação e nem religioso, que veio ao Brasil, enviado por Dom Orione.

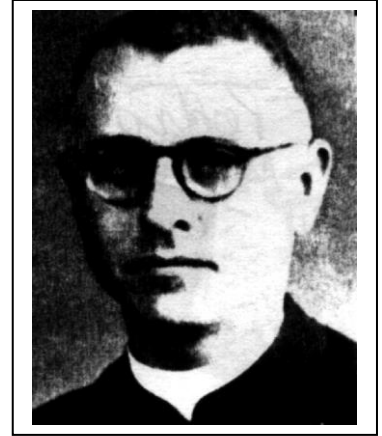
10
Julho

Pe. Pedro Migliore

Morreu em Claypole (Argentina) em 10 de julho de 1981, com 83 anos de idade, 57 de profissão e 53 de sacerdócio.

Nasceu em Motta di Carmagnola na Província de Torino em 29 de junho de 1898, entrou na Congregação já adulto em 1923 depois de ter fielmente servido a pátria durante a primeira guerra mundial e, a seguir, como Brigadeiro na legião Allievi Reali Carabinieri, de Roma.

Decisivo foi para a sua opção um encontro com o Beato Fundador na Paróquia de Ognissanti. O generoso jovem, deixando o seu compromisso militar, se entrega totalmente a Deus escolhendo a nossa humilde Congregação e permanecendo fiel à palavra dada então ao Senhor e formalmente repetida na profissão religiosa que somente no ano seguinte, em 30 de julho de 1924, emitiu em Campocroce nas mãos do próprio Fundador.



Tinha, naqueles primeiros tempos, ainda pioneiros, cumprido o seu Noviciado em Veneza guiado por Dom Carlos Sterpi.

Os seus estudos médios e superiores foram completados de modo um tanto acelerado, dada a idade, entre Veneza, Roma e Villa Moffa. Emitiu então a profissão perpétua em 31 de julho de 1927.

Transferido para a Teologia em Tortona, foi ordenado sacerdote no dia 7 de abril de 1928.

No ano seguinte partia para Montevidéu onde assumiria imediatamente o cuidado da Paróquia de São Carlos, permanecendo neste ofício até 1946, ano em que foi transferido para o Brasil.

No ano seguinte era nomeado Diretor provincial da grande província brasileira de Nossa Senhora de Fátima.

Todavia, a instável saúde que começava seriamente a preocupar, unida a um excessivo senso de humildade e responsabilidade, o induz no fim do mesmo ano a pedir a exoneração do provincialato. Foi então destinado para a Argentina, em Buenos Aires, como Pároco de Villa Lugano e com o encargo de Vigário Provincial. Permanece neste ofício até 1952 e torna-se então Diretor do Colégio São José em Mar del Plata e depois do Pequeno Cotelengo de Claypole.

Figura de autêntico sacerdote, zeloso pelas almas e religioso austero e observante, foi sempre de edificante exemplo para todos enquanto a auréola do sofrimento tornava-o silencioso mestre na via régia da cruz para quem dele se aproximasse.

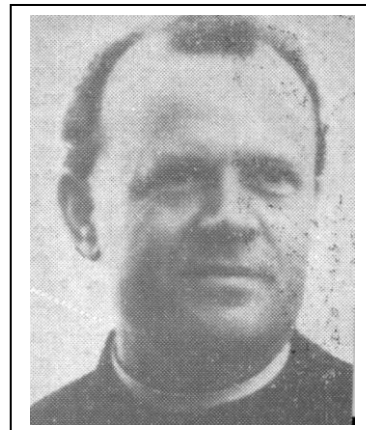
Passou os últimos anos em Porto Mar del Plata, tornando-se quase oração vivente e altar de holocausto para o bem da Congregação que sempre recordará nele um dos mais preciosos dons da Divina Providência.

24
Julho

Pe. Angelo Bartoli

Morreu em Roma em 1966, com 72 anos de idade, 53 de profissão e 46 de sacerdócio.

Nasceu em 1894 e foi acolhido por Dom Orione em 1908. Serviu a pátria na guerra mundial (1915-18) e foi ordenado sacerdote em 1920. Trabalhou em Veneza, San Remo e Reggio Calabria. Foi provincial no Brasil (1952-1955).

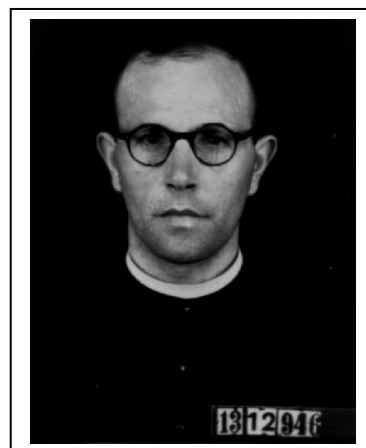


13
Julho

Pe. Giovanni Bonifaci

Morreu em Avezzano (L'Aquila) em 13 de julho de 1984, com 69 anos de idade, 53 de profissão e 44 de sacerdócio.

Tinha vindo à Casa Mãe de Tortona, onde foi acolhido por Dom Orione e por Dom Sterpi, da nativa Villa San Sebastiano (L'Aquila), em 29 de outubro de 1927, junto com seu irmão Mario e o sobrinho Bartolomeu. Ocorria então o fluxo de aspirantes, fruto precioso da famosa “mendicância de vocações” lançada pelo nosso Fundador em agosto precedente. Giovanni Bonifaci tinha então 12 anos, pois nascido em 15 de abril de 1915. Fez o seu ginásio em Tortona e em Voghera (1927-30), recebendo nesse meio tempo (29 de agosto de 1928) o hábito sagrado das mãos de Dom Orione.



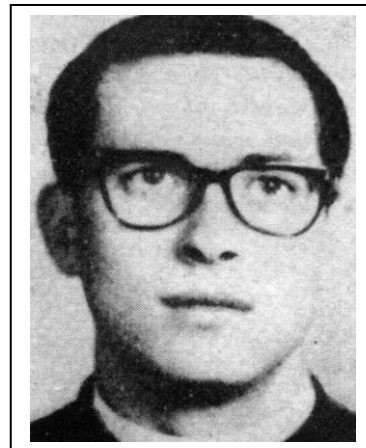
Terminada a filosofia e os primeiros dois anos de teologia na Universidade Gregoriana de Roma (1931-36), fez o seu tirocínio (1936-38) ensinando aos trabalhadores “caríssimos” em Genova-Quarto e aos postulantes de Voghera. Foi ordenado sacerdote em Tortona no dia 21 de julho de 1940, e completou a teologia no Laterano de Roma obtendo o bacharelado e em Tortona o diploma de Mestre. Desenvolveu a sua primeira atividade escolástica e de ministério sacerdotal no San Filippo em Roma (1940-41) e no postulante de Buccinigo (Como) (1942-46). Partiu depois para o Brasil, em dezembro de 1946, trabalhando na escola e na ajuda ministerial, em São Julião, Santuário Sagrado Coração (1947-48); no Santuário de Fátima no Rio; na Gávea (hoje, Jardim Botânico); em Belo Horizonte; no então novo Pequeno Cotelengo de São Paulo (1965); na Paróquia de Santa Quitéria em Curitiba, aberta em 1964; em Porto Alegre (1970). Finalmente mudou para a Argentina, trabalhando na Escola Agrícola Torello di Mercedes (1975) e na Paróquia Nossa Senhora da Guarda em Victoria. Em 1982 desejou fixar-se no Instituto Dom Orione de Avezzano; aí a morte atingiu-o improvisamente.

31
Julho

Ir. Pietro Massardi

Morreu em Tocantinópolis em 1966, com 23 anos de idade e 5 de profissão.

Deixemos Don Zambarbieri, Superior Geral na época da sua morte, narrar os fatos, através de uma carta escrita ao Pe. Parodi, datada em 2 de agosto de 1966:



A paz do Senhor!... Cheguei ao meio dia em Tocantinópolis e me aguardava um notícia um tanto dolorosa: o caro Ir. Coadjutor Massardi morreu tragicamente na tarde de Domingo, 31 de julho, afogado no Tocantins. Dom Cornélio e Pe. Alice estavam consternados, e assim Pe. Ladislau Campos, Pe. Pedro Lopez e Pe. Bruno Raffa, que encontrei aqui na minha chegada. (...) Vinha aqui com tanto desejo de rever o querido Pierino, nem 5 meses em missão, e me dizem que desapareceu no rio, como os saudosos Pe. Adobati e Ir. Serra, no início deste tão atormentado campo de trabalho.

Pensei imediatamente na sua boa mamãe – na humilde casa de Nuvolento, onde fui algum tempo atrás – no irmão, nas tias, no sobrinho, em nosso Cl. Mario Massardi, todos tão unidos como uma grande família. Pobre mamãe, sobretudo, que tinha feito um sacrifício enorme ao deixá-lo partir para a Missão, e foi sempre tão generosa para com a Congregação.

Peço tanto ao Sr., caríssimo Pe. Parodi, ou ao bom Pe. Paragnin, de ir a Nuvolento também por mim: aquela mãe merece. Poderá dar pessoalmente algum particular sobre a morte de Pierino. Estava tão contente e tinha se ambientado bem. Doava-se com entusiasmo e todos estavam satisfeitos com ele, a começar por Dom Chizzini e Pe. Alice. Ajudava na assistência dos seminaristas e se dispunha para muitos trabalhos. Tinha apenas terminado de preparar a nova capela: fez o teto, pintou as paredes, envernizou, terminando justamente Sábado a noite. Domingo, depois do almoço, como de costume, foi passear com o grupo dos seminaristas ao longo do Tocantins. Era um costume muito caro aos jovens. A um certo momento, escorregou (talvez também pela visão não muito boa) e caiu na água, onde existe um sorvedouro perigoso. Estavam dois rapazes ao seu lado, os outros seminaristas (uma quinzena ao todo) encontravam-se mais adiante. Os dois, na impossibilidade de socorrê-lo, deram o alarme, e ocorreu imediatamente outros. Diversos, com boa vontade, mergulharam, mas infelizmente, em vão. O pobre Pierino deve ter sido levado por uma espécie de voragem que existe naquele ponto do rio.

Até hoje – dois dias depois da catástrofe – o corpo não foi recuperado. À mamãe, por piedade, convém não dizer isto. Tanto mais que temos a esperança que nos possa ser restituído, se as águas o levaram para mais longe. Também os corpos de Pe. Adobati e Ir. Serra foram recuperados apenas depois de dois dias. Mas existe também o perigo que tenha sido devorado por algum crocodilo ou por uma serpente enorme que foi vista naquelas águas. Ao menos se pudéssemos reaver os restos mortais do nosso querido Irmão para sepultá-lo ao lado dos nossos primeiros Missionários, na Capelinha à margem do Tocantins. (...)

Desde rapaz, confidenciava-me a sua mamãe, tinha nutrido no coração a vocação missionária. Feitos os votos, imediatamente começou a pedir para ser enviado para o Goiás. Parecia-me tão jovem e frágil de saúde. Mas insistia. Cada vez que ia a Tortona e me dirigia ao Santuário da Guarda para celebrar, acolhia-me com tanto

respeito e alegria, ajudava a missa e aproveitava sempre para repetir-me a sua solicitação: “Quando me deixará ir em Missão?”. Como não ceder a uma insistência tão generosa? Recordo a sua alegria quando, também com o patrocínio do querido Dom Chizzini, disse-lhe, no final do Concílio Ecumênico, que a sua solicitação era acolhida e iria partir no início de 1966. Veio para o Brasil no fim de fevereiro: permaneceu no Rio poucos dias para regularizar os seus documentos, e nos primeiros dias de março estava já em Tocantinópolis, a disposição de Dom Chizzini. Não sabia uma palavra de português e encontrou as suas dificuldades como todos, mas não perdeu o ânimo, permaneceu na assistência dos seminaristas sem compreendê-los e sem ser compreendido senão com recíprocas interpretações. Em pouquíssimo tempo estava ambientado, fazia-se precioso em tantos trabalhos, e o Senhor chamou-o a Si, com apenas vinte e três anos, enquanto aqui existe extrema necessidade de pessoal... (...)

Termino porque devo ir para a Missa. Não pude celebrar esta manhã em Brasília, e posso assim oferecer a Santa Missa para o caro Pierino, na Capela nova por ele preparada. Assistirão os confrades e os Seminaristas. (...)

Sac. Giuseppe Zambarbieri

P.S. – O corpo foi encontrado esta manhã, 3 de agosto, a cerca de 12 km de Tocantinópolis. Nossa Senhora Santíssima obteve-nos este conforto. Hoje faremos a sepultura e se unirá a nós a boa população que tanto participou da nossa dor.

2

Agosto

Pe. João Batista Bergatta

Morreu em Turim em 1986, com 75 anos de idade, 46 de profissão e 37 de sacerdócio.

Nasceu em Asti, no dia 21 de julho de 1911. Ingressou em Tortona em 1927. Em 1938 fez a primeira profissão. Fez seus estudos em Gênova, Cuneo, Villa Moffa e Tortona. Foi ordenado sacerdote em 29 de junho de 1949, em Tortona. Chegou ao Brasil em 7 de novembro de 1950 para trabalhar no Jardim Botânico, Rio Claro, Juiz de Fora e Curitiba. Em 1966 foi para a Itália por doença da mãe. Faleceu em Turim.

3

Agosto

Pe. Francisco Casa

Morreu em Roma, no dia 3 de agosto de 1953, com 67 anos de idade, 39 de profissão e 39 de sacerdócio.

Natural da Diocese de Cuneo e proveniente de uma família, que não só orgulhava-se de sólidas tradições cristãs, mas também contava entre os seus componentes alguns zelosos Sacerdotes.

Nascido em 1886 em Paschera di Caraglio, cumpriu quase todos os estudos eclesiásticos no Seminário de Cuneo, de onde seguiu para Tortona em 1911, acolhido pelo nosso Pai Fundador. Terminou o currículo teológico em Roma e foi ordenado sacerdote em 1914.

No decorrer da guerra mundial, 1915-1918, foi convocado para o serviço militar como sargento dos “Alpini” e foi logo encarregado da Secretaria do Ordinariato Militar então instituído sob a direção de S. Exa. Dom Bartolomasi. Muitos sacerdotes recordaram com alma agradecida os favores, que com coração nobre e generoso, Pe. Casa fez para com eles, usufruindo das particulares condições em que se encontrava.

Tão logo foi dispensado, Dom Orione enviou imediatamente para a América para ajudar os confrades que aí já trabalhavam.

No dia 1 de junho de 1920 Dom Orione, evidentemente em resposta a uma carta augural de Pe. Casa, enviava-lhe uma sua carta, muito bonita, na qual deduzimos como o nosso Pai Fundador passou o dia do seu XXV aniversário de Missa: enquanto o esperavam no refeitório para o almoço, Ele, fechado na enfermaria, juntamente com o então Cl. Camillo Secco, fazia no Cl. Basilio Viana, gravemente enfermo *“aqueles officios humildes, mas santos, que uma mãe faz com os seus meninos”*, ignorando as batidas insistentes na porta, a fim de que descesse e fosse almoçar com os outros. Esta carta deveria permanecer bem impressa na memória de Pe. Casa, já que, chegando o seu XXV de Missa, não conta para ninguém, desejando que passasse na surdina e ficaria amargurado se outros divulgassem a notícia e quisessem fazer um pouco de festa.

Pe. Casa prestou seu trabalho entusiasta e capaz, primeiro no Brasil e a seguir na Argentina. Depois de cerca de um decênio de vida missionária, desejoso de um pouco de repouso, voltou para a Itália em 1929 e trabalhou um pouco em toda parte, sempre alegre, e, pode-se dizer, em todos os campos do ministério sacerdotal, da escola à vida paroquial, do cuidado dos santuários à assistência dos operários, que era dotado de capacidade versátil.

Ultimamente ensinava em nosso Instituto São Filipe Neri em Roma. Por uma banal queda bate a cabeça e não se recupera mais. Morreu, com o conforto dos últimos sacramentos, em 3 de agosto de 1953. Na sua diocese de origem, da qual conservou sempre afeição, dele escreveram: “sob uma aparência de aspereza escondia um grande coração, e era animado por uma grande fé e por um zelo ardente para o bem material e espiritual do próximo”. É verdadeiro. Quem o conheceu lhe quis sempre bem e o recordará com simpatia e afeto, intercedendo de Deus o prêmio eterno para ele.

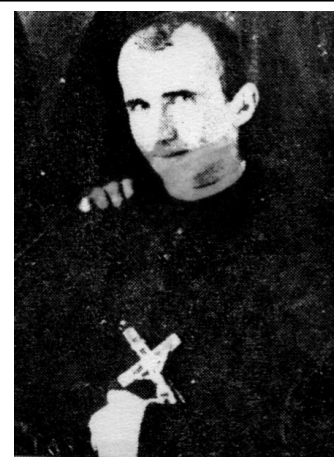
5

Agosto

Pe. Carlos Dondero

Morreu em São José das Três Ilhas (MG) em 1927, com 43 anos de idade, 15 de profissão e 19 de sacerdócio.

Nasceu em Torriglia (Genova), em 1884, de família abastada e piedosa. Órfão de pai, foi recebido por Dom Orione no Colégio Santa Clara em 1896. Seguiu a vocação eclesial e foi ordenado em Tortona em 1908 e enviado a San Remo para dirigir o Convento San Romolo. Professou em 1912 e foi o primeiro religioso da Congregação a entrar no Brasil. Mesmo ficando mais tarde fora da Congregação esteve sempre ligado a Dom Orione. Foi pároco em Mar de Espanha, em Santo Antônio do Chiador e em São José das Três Ilhas (MG). Dom Orione quis transferir seus ossos para Niterói, sob o monumento a Nossa Senhora.



6**Agosto****Ir. Cezário Mostarda**

Morreu em 6 de agosto de 1993 em Ouro Branco (MG), com 71 anos de idade e 43 de profissão religiosa.

Nasceu em 22 de fevereiro de 1922 em Ribeirão Preto (SP), depois dos estudos primários e várias experiências de trabalho, com 25 anos de idade, entrou na Pequena Obra, desejoso de dedicar-se ao Senhor e ao serviço dos pobres, sendo acolhido no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1947.

Completo regularmente o noviciado em Paraíba do Sul (1949-50), emitiu a primeira profissão religiosa como Irmão em 23 de fevereiro do Ano Santo de 1950, nas mãos do Pe. José Montagna.

Transcorrido um ano no Rio como assistente dos jovens na tipografia da Gávea, passou para a assistência direta dos meninos de Belo Horizonte e Rio Claro (1951-58), reforçando e amadurecendo, nesse meio tempo, a sua consagração total a Deus e ao próximo no espírito e sob o exemplo de Dom Orione, emitindo os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência na festa da Imaculada de 1956.

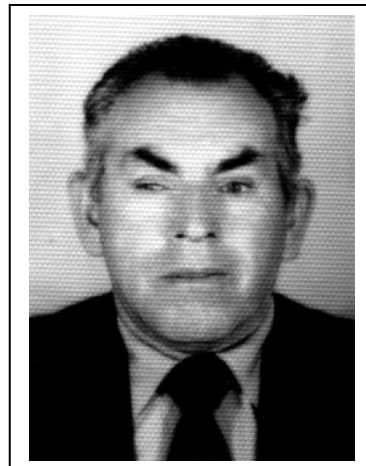
De 1956 a 1970 encontra-se cumprindo com dedicação o ofício de sacristão no Santuário mariano do Rio de Janeiro, e em Paraíba do Sul, sempre contente e disponível, não obstante a sua limitação de visão.

Colabora depois como ecônomo no Lar de Belo Horizonte, passando depois para Niterói e Juiz de Fora como “factótum” (1970-79). Enfim, em Ouro Branco, presta o seu trabalho naquele centro paroquial e vocacional.

No mês anterior ao seu falecimento participou da Assembléia de Programação Provincial, em substituição ao Ir. José Eugênio.

É recordado como exemplo de simplicidade, humildade, amor a Deus e à Congregação, como também são relevantes a sua disponibilidade à assistência, sustentado pelo espírito de sacrifício, pelo orionino amor ao trabalho manual, que o fizeram sempre benquisto pelos confrades e por quantos se aproximaram dele no seu apostolado discreto entre os pobres e os simples.

Será lembrado como “o Irmão coadjutor do Rosário”, pela sua constância na oração, a fidelidade nos atos de culto, pela alegria interior, pela catequese e o serviço ao altar. Nas diferentes comunidades sempre o mesmo estilo, a idêntica dedicação, animador da comunidade, organizador de coroinhas para o altar, especializado na união com o Pai e os irmãos, através da sua fervida invocação a Deus e do afável diálogo com o próximo.



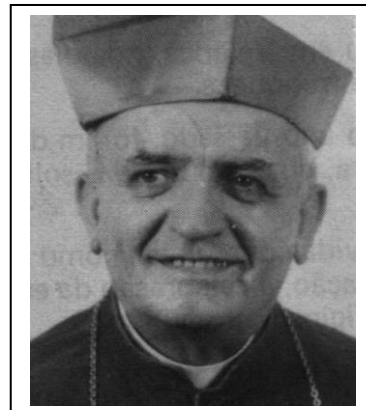
12
Agosto

Dom Cornélio Chizzini

Morreu em Goiânia (Brasil) no dia 12 de agosto de 1981, com 67 anos de idade, 49 de profissão, 41 de sacerdócio e 19 de episcopado.

Nasceu em 17 de novembro de 1914 em Casalsigone, perto de Cremona, de uma numerosa e piedosa família. Com 16 anos, depois de uma tentativa de entrar no Seminário não concretizada devido à sua saúde, o jovem Cornélio encontra Dom Orione que paternalmente logo o acolhe na sua família religiosa e desde então, com grande fidelidade, segue os passos do Pai dos Pobres.

Cumprido o Noviciado em Villa Moffa di Bra, emitiu a primeira profissão em 15 de agosto de 1932 no dia de Assunção de Nossa Senhora que será depois, por providencial coincidência, a Padroeira da sua futura Prelazia e Diocese no norte do Goiás (hoje, estado do Tocantins).



A destacada inteligência e as sólidas virtudes religiosas induzem os superiores a enviá-lo para os estudos em Roma na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde se distingue notavelmente, enquanto que, com espírito orionino, se doava aos meninos do Instituto São Filipe Neri.

Ordenado sacerdote em 16 de junho de 1940 foi imediatamente destinado para o serviço dos órfãos e logo depois da guerra administra a não fácil direção da Casa do Órfão de Trastevere e, em seguida, o Orfanato Dom Orione da Via della Camilluccia, em Monte Mario.

Em 1956 fez o pedido para partir missionário para a recente missão amazônica de Tocantinópolis, há pouco confiada à Congregação e, já naquela época, duramente provada pela trágica morte de três confrades.

Desde então a sua vida se confunde com a história da Prelazia. Pároco em Xambioá: convive com os pobres, os sertanejos e os Índios Apinajés, a vida, a moradia e fadigas. Pertencem a este período heróico, quando ainda a região era privada de estradas e obrigava a longas cavalgadas, as noites na floresta e outros fatos que minaram a sua saúde.

Nomeado Administrador Apostólico da Missão foi depois, ordenado Bispo em 29 de junho de 1962 pelo Nuncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, sendo co-consagrantes Dom Fernando Gomes dos Santos, Bispo de Goiânia, e Dom Benedito Coscia.

Por cerca de 20 anos Dom Cornélio ficou responsável pela Prelazia na qual fundou, pelo menos, 10 paróquias, criou escolas e hospitais, obras sociais e encaminhou um seminário diocesano. Recordemos também a sua corajosa defesa dos pobres nas questões da distribuição de terras na região.

Duas grandes consolações alegraram os últimos tempos da sua vida; o jubileu de prata da Missão e a Beatificação de Dom Orione, em Roma. Nesta última ocasião pôde concelebrar com o Santo Padre João Paulo II na Praça de São Pedro e ser recebido por Ele em audiência especial.

Tinha há pouco enviado um apurado relatório sobre a Prelazia à Santa Sé, testemunho de um assíduo e silencioso trabalho acompanhado por grande sacrifício pessoal. Em reconhecimento de tais méritos e por tanto crescimento cristão e social, a Santa Sé já tinha decidido elevar a Prelazia à condição de Diocese.

O dia da Assunção deveria ser a data da oficial proclamação em Tocantinópolis. Mas o Senhor quis pedir a Dom Cornélio um sacrifício extremo: aquele da própria vida, quase na vigília da festa tão esperada, no dia 12 de agosto, em Goiânia onde já estava, há algum tempo, internado devido com cirrose hepática.

Sereno até o fim, abandonado ao Divino querer, gostava de repetir durante a última doença: “Fazer a vontade de Deus em tudo, até o fim”.

Sem dúvida partiu como tinha vivido, em humilde silêncio, entregue ao plano da Divina Providência, depois de um prolongado estado de coma.

Os solenes funerais em Goiânia e em Tocantinópolis, com grande participação de Bispos, clero e fiéis, testemunharam o quanto era grande o afeto e a estima pelo primeiro Bispo da Diocese de Tocantinópolis.



Morreu em 12 de agosto de 1993 em Amandola, com 70 anos de idade, 51 de profissão religiosa e 41 de sacerdócio.

Primeiro de quatro irmãos, nasceu em 21 de setembro de 1922, em Amandola (Ascoli Piceno – Itália) e foi batizado no mesmo dia; recebeu o sacramento da confirmação em 29 de junho de 1933.

Conheceu a Pequena Obra no Instituto Sagrado Coração de San Severino Marche, onde freqüentou a terceira série ginásial e, no ano seguinte (1939), pede para ser admitido como aspirante à vida religiosa e sacerdotal na Família Orionina.

Em Tortona, na Casa Mãe, recebeu o santo hábito e completou o ginásio em Montebello e em Buccinigo d’Erba.

Fez o Noviciado (1941-42) em Villa Moffa di Bra, sob a guia de Pe. Giulio Cremaschi; emitiu a sua primeira profissão no dia da Assunção de 1942 e ali permaneceu até 1948 para freqüentar os cursos secundários e filosóficos, incluindo também o tirocínio com a assistência aos jovens.

Em 1948 encontra-se em San Severino Marche, empenhado contemporaneamente na assistência aos jovens e no estudo do primeiro ano de teologia, que completará em nosso Seminário de Tortona, reforçando e amadurecendo a sua segura vocação religiosa, sacerdotal e missionária, assimilando e vivendo generosamente o espírito “orionino”.

Depois dos votos perpétuos de consagração (11 de outubro de 1948), recebeu o diaconato em 8 de dezembro de 1951 e o presbiterato em 29 de junho de 1952, no Santuário de Nossa Senhora da Guarda, em Tortona.

Antes da ordenação tinha pedido e obtido permissão para partir para a missão no norte do estado de Goiás, hoje Tocantins: na espera dos documentos necessários para a partida presta a sua assistência aos jovens de nosso Instituto de Borgonovo Val Tidone (Pescara).

No dia 12 de julho de 1953 parte para o Brasil onde, depois de um período de ambientação linguística e cultural, se entregará totalmente por quase 40 anos.

De 1953 a 1961 encontramos Pe. Pacífico na Prelazia de Tocantinópolis, ainda em seu início, como vice-pároco e depois como vigário capitular da Prelazia, afrontando com coragem e confiança os não poucos problemas de uma diocese em formação e paupérrima de meios e pessoal: aí permanece até a nomeação de Dom Cornélio Chizzini.

De 1962 a 1968 fica em Paraíba do Sul e no Rio de Janeiro, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, desenvolvendo, primeiro, o ofício de superior e de vigário depois (1968-75), assumindo também o encargo de Conselheiro provincial (1973-76).

É transferido para a Paróquia Santa Tereza, Bairro Cristal, uma área entre as mais carentes da periferia de Porto Alegre, em pobreza extrema, tanto econômica como espiritual; ele se faz ativo sobretudo nos vários setores dos barracos, criando núcleos de evangelização. Sucessivamente o encontramos, ainda como pároco, no discreto Município de Barão de Juparanã, na diocese de Valença (RJ), próximo à nossa casa de espiritualidade. Com o retorno da Paróquia Sagrado Coração da Diocese de Tocantinópolis para a direção da Congregação, em 1980, Pe. Pacífico volta ao seu primeiro campo de trabalho, Araguaína, não mais um vilarejo de algumas centenas de habitantes, mas uma cidade de 150.000 almas, às margens da Belém-Brasília. Nomeado vigário geral da diocese por Dom Aloísio Hilário de Pinho, transcorre alguns anos de férvido apostolado na grande paróquia: constrói várias capelas, a casa para os idosos e algumas escolas na periferia.

Em 1987, a obediência pede-lhe para assumir novamente o Santuário de Fátima: o belo templo ameaçado nas suas estruturas, exige de Pe. Pacífico um trabalho imenso, porém compensador. Acolhe e guia fiéis e peregrinos no Santuário, escondendo até o fim a grave enfermidade que o abate na celebração de Nossa Senhora de Fátima de 1993 e se manifesta implacável.

Tinha já emitido o juramento de fidelidade ao Papa em 08 de dezembro de 1966, nas mãos do então Superior geral Pe. Zambarbieri, e, depois da última visita canônica, faz o pedido a Pe. Masiero de poder emitir o IV Voto, pronunciado perante o novo Superior geral Pe. Roberto Simionato, na visita que este fez ao hospital, em 04 de agosto de 1993.

De caráter bom e sociável, forte além das aparências, Pe. Pacífico sempre sentiu fortemente o sentido e o valor comunitário da vida religiosa e da colaboração, que colocou-o, às vezes, em dura prova na sua experiência missionária, à qual dedicou todas as suas energias, com um grande espírito de sacrifício e de plena disponibilidade aos Superiores, sustentado sempre pela fé, pela piedade sólida e convicta, nutrida pela oração litúrgica, pessoal e por uma filial devoção mariana.

Teve o conforto de voltar à Itália, chamado pelos Superiores, na esperança de poder curar-se melhor, mas sempre consciente e vigilante na espera do Senhor.

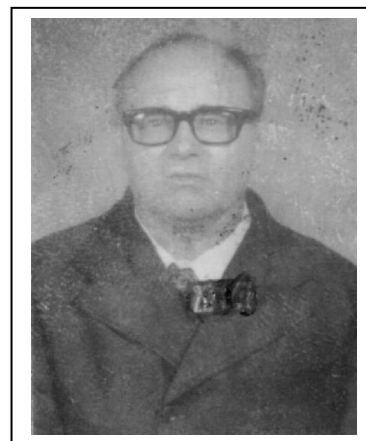
Os funerais solenes, ocorridos na sua cidade natal, presididos pelo Vigário geral Pe. Alesiani e por um denso grupo de Confrades concelebrantes, evidenciaram a grande estima e gratidão pelo seu testemunho de fidelidade orionina, missionária e eclesial.

14
Agosto

Pe. Gustavo Degiampietro

Morreu em São José do Rio Preto (SP), no dia 14 de agosto de 1986, com 69 anos de idade, 48 de profissão e 36 de sacerdócio.

Pe. Gustavo nasceu em Forno di Moena (Trento) em 20 de novembro de 1916 e entrou na Pequena Obra com 18 anos, em 17 de dezembro de 1934, depois da morte do pai. Fez o noviciado (1937-38) e o tirocínio em Cuneo (1942-43), coroados com os votos perpétuos (15-10-1945, em Tortona) e com o Presbiterato (29 de junho de 1950). Já em 1939 ele tinha feito o pedido ao Fundador “de estar no número daqueles que partem para as missões distantes”; e em 24 de janeiro de 1952, depois de ter prestado serviço no Santuário de Nossa Senhora da Guarda em Tortona, renovava o



pedido a Pe. Pensa: “livre de qualquer vínculo de sangue (já tinha morrido sua mãe), não desejo outra coisa que obedecer e servir de conforto aos Superiores: prefiro o Brasil porquê mais necessitado...”. Partiu de fato, para o Brasil em 12 de julho de 1953, oferecendo a sua colaboração obediente e responsável onde quer que se encontrasse.

Trabalhou no Rio, em Fátima (1953); na nova paróquia de Santa Quitéria em Curitiba (1954-57), onde coadjuvou Pe. Giovanni Cruciani na construção da Capela de Santa Isabel, transformada depois em paróquia; em Paraíba do Sul (1958-59); em Guararapes, iniciando ali o seminário e o orfanato e tornando-se o primeiro pároco em 24 de setembro de 1961, por 4 anos. Passou depois para Siderópolis, Quatro Barras, pároco em Ouro Branco (1965-67), em Porto Alegre (1968-70), em Goiânia (1970-71), em Paraíba do Sul (1972), em Niterói (1980), Curitiba (1981) e Quatro Barras (1982) e em 1984 na paróquia de Mariental como suplente do titular. Ocupou também cargos internos da Província religiosa, demonstrando grande espírito de fraternidade, sempre muito disponível no serviço dos fiéis para o ministério e para os enfermos, dos Excelentíssimos Bispos, nos relacionamentos com o clero local, sobretudo para com os seus confrades e a Congregação. Nos últimos tempos suportou, com grande paz interior e serenidade, dolorosas intervenções cirúrgicas e as conseqüências de um enfarto. Amou e se sacrificou muito pelas vocações.

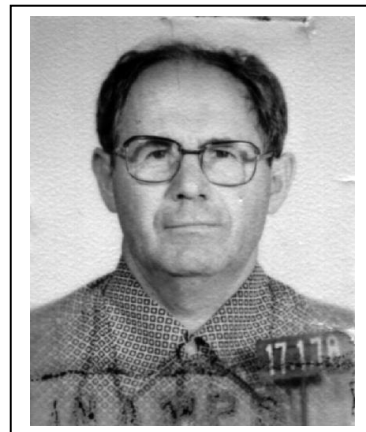
Faleceu em São José do Rio Preto, vítima de acidente de carro. Em Guararapes foi homenageado dando o seu nome a uma rua.

Os seus funerais foram presididos pelo Bispo Diocesano de Lins, Dom Walter Bini, estando presente muitos do clero diocesano, nossos confrades e uma grande multidão de fiéis.

17**Agosto****Pe. Cesar Lelli**

Morreu em 17 de agosto de 1993 no Hospital de Araguaína (Tocantins – Brasil), com 64 anos de idade, 44 de profissão religiosa e 35 de sacerdócio.

Em nosso Hospital de Araguaína no Tocantins, estava internado para tratar uma afecção hepática, preparado ao chamado do Senhor. Isto se revela pela sua última carta ao Superior Geral Pe. Simionato, na qual, com cristã e religiosa visão da realidade e da situação, pede humildemente perdão a todos e, como o servo do Evangelho, se dizia, ainda que necessitado e inútil, todavia disponível à vontade divina, depois de ter trabalhado a vida inteira pela missão do Tocantins e do amado povo brasileiro, com o programa “estou aqui, Senhor, faça de mim o que quiser!...”.



Nascido em 3 de junho de 1941, em Rocca Corneta di Lizzano (Bologna), acolhido em Montebello, teve o primeiro conhecimento da Obra de Dom Orione, iniciando imediatamente as séries ginásiais nas Casas de Vigevano, Voghera, Buccinigo e Ortonovo. Estimulado pela sua juvenil e natural curiosidade de conhecer novos países, cultiva a sua vocação de missionário.

Terminado o ano de noviciado em Villa Solari de Genova (1947-48), emite a sua primeira profissão em 11 de outubro de 1948, passando assim a cursar a filosofia em Villa Moffa di Bra (Cuneo), completada em 1951.

De 1952 a 54 se exercita no tirocínio, assistindo e ensinando aos meninos no Instituto “Famiglia Moresco” de Bogliasco (Genova). Durante o tirocínio amadureceu a sua vocação e no final consagrou-se totalmente ao Senhor na família de Dom Orione, emitindo a profissão perpétua em 11 de outubro do ano mariano de 1954.

Logo depois inicia a sua preparação sacerdotal em nosso teológico de Tortona, onde recebe o Diaconato (21.12.57) e o presbiterato (29.06.58), completando o iter formativo com o Ano Pastoral no Instituto Mater Dei em Roma (1958-59).

Depois, pede e obtém de partir para as missões; em 12 de julho de 1959 está no Brasil, no Rio de Janeiro, para ambientar-se, aprender a língua e inculturar-se.

De 1960 a 62 foi diretor do Colégio Dom Orione e Vigário geral da formanda diocese de Tocantinópolis, para onde voltará no triênio 1967-69, sempre com o mesmo encargo, depois de ter dirigido, como mestre do saber e da vida, de 1962 a 66, os Colégios de escola primária e secundária no Rio de Janeiro e em Siderópolis (Santa Catarina) (1965-66).

Pelos normais revezamentos de regra, está novamente no Rio (1969-77) e em Tocantinópolis (1979-83), depois cumpre por um triênio o serviço pastoral como pároco em Quatro Barras (1984-86), na periferia de Curitiba, a assim chamada cidade sorriso: também ele denominado “o padre do sorriso”.

Em 12 de março de 1984, tem a graça, tão desejada, de emitir o IV Voto de especial fidelidade ao Papa, nas mãos do Cardeal Eugênio Sales.

A confiança dos Superiores chama-o a desenvolver também o encargo de conselheiro provincial da Província Brasil Norte (1988-91), continuando neste meio tempo a doar sem reservas as suas energias e a sua capacidade organizativa, na sua “Cafarnaum”, Tocantinópolis.

Na sua serenidade e jovialidade, Pe. César soube aceitar o sofrimento como um dom do Senhor para cumprir com Ele a via dolorosa, e oferecê-lo pela Igreja, pelo Papa, pela Congregação, como também pelo bom resultado do Encontro sobre o “Projeto Missionário Orionino”, que naquele período se organizava.

De caráter aberto, generoso de alegria, sociável e jovial, acolhia a todos, sempre pronto ao diálogo, disponível ao sacrifício e ao trabalho. Dons naturais, certamente, mas cultivados e confirmados por uma sólida piedade pessoal e litúrgica, com uma convicta e filial devoção mariana, tipicamente “orionina”, que transformava a sua vida em oração, tornando-o capaz de rezar com a vida.

Em seu leito de dor dizia: “Ninguém pode iludir-me: Deus é, para mim, Pai. Vejo o rosto de Nossa Senhora, uma mãe acolhedora: me leva para casa...”.

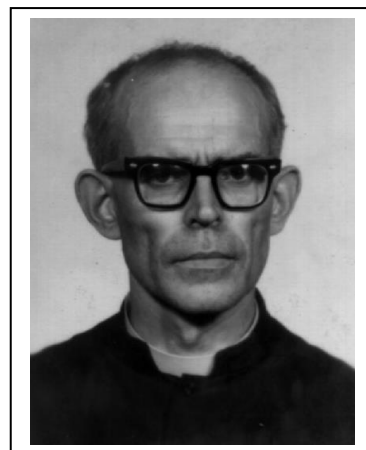
17

Agosto

Pe. Bruno Raffa

Morreu em Foggia-Incoronata em 17 de agosto de 1995, com 74 anos de idade, 56 de profissão e 47 de sacerdócio.

Desejoso de seguir, nas pegadas de Dom Orione, o irmão Vincenzo e as duas irmãs Letteria e Maria, das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, Bruno, natural de Reggio Calabria, é acolhido em Tortona pelo Servo de Deus Don Carlos Sterpi em 20 de outubro de 1931. Tinha somente 10 anos, porquê nascido em 2 de fevereiro de 1921, mas, dando em seguida sinais de afeto e de vocação, Dom Orione destinou-o para o ginásio (Tortona, Voghera e Montebello, 1931-38), dando-lhe o hábito talar na vigília da festa de Nossa Senhora da Guarda de 1938. Fez o noviciado e os primeiros votos (1938 – 15 de agosto de 1939); fez o liceu (Tortona, Bandito, Alessandria, 1939-44) e a teologia (Rosano e Tortona, 1944-48), obtendo também, nesse meio tempo, a habilitação magisterial em Alessandria.



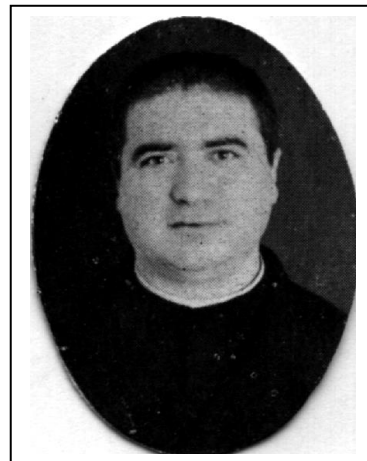
Iniciou o caminho para o altar depois da profissão perpétua (14.10.1945), chegando ao presbiterato em 29 de junho de 1948, em Tortona. Moderado e até mesmo tímido, é considerado pelos Superiores e confrades como de bom espírito religioso, de ótima disposição na obediência, e determinado a trabalhar, para a glória do Senhor e o bem da Congregação. Escolhido imediatamente, depois da sagrada ordenação, como ajudante do Padre Mestre dos noviços em Villa Moffa, em 14 de setembro de 1951 torna-se pró-mestre dos noviços em Montebello della Battaglia, e sucessivamente encarregado das vocações adultas em San Bernardino di Tortona (1951-57). Em 1957 podia finalmente realizar o seu vivo desejo de ser enviado missionário no Goiás (hoje, Tocantins), onde residiu, em operosa e zelante atividade, até o ano de 1990. Reitor do Seminário de Tocantinópolis (1957-61), transcorreu depois trinta anos de frutuoso trabalho em Nazaré (1961-90), como pároco, querido e rico de paternidade para com os pequenos e grandes, completamente dedicado. Neste período sua ausência era apenas para alguma visita à família e em busca de ajuda para os seus mais necessitados assistidos junto aos amigos e benfeitores da Itália.

A sua vida se concluiu à sombra da Virgem Santíssima *Incoronata*, em seu artístico e frequentadíssimo Santuário, onde gastou as últimas energias sacerdotais, em sofrimento e oração, pelo Papa, a Igreja, a sua amadíssima Congregação, por todas as almas, na recordação doce e afetuosa do nosso Pai Fundador, de Don Sterpi e dos outros Filhos da Divina Providência que o encaminhara, em anos distantes, com a palavra e o exemplo, ao santo ministério das almas.

1**Setembro****Pe. Vicente Bormini**

Morreu no Rio de Janeiro em 1941, com 47 anos de idade, 20 de profissão e 18 de sacerdócio.

O Pe. Vicente Bormini serviu a pátria na primeira guerra mundial (1914-18). Foi ordenado sacerdote em 1925 e chegou ao Brasil em 1938. Foi nomeado diretor do Instituto no Jardim Botânico. Foi atropelado no Largo dos Leões, Bairro Humaitá, Rio de Janeiro, e faleceu a seguir. Foi sepultado no Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro.

**3****Setembro****Pe. Vincenzo Errani**

Morreu no Rio de Janeiro em 3 de setembro de 1980, com 88 anos de idade, 53 de profissão e 58 de sacerdócio.

Nascido em Solarolo di Ravenna em 16 de maio de 1892, sacerdote diocesano ordenado em 25 de dezembro de 1922, sentiu poucos anos depois atração pela jovem, mas significativa Congregação de Dom Orione, exprimindo o seu desejo de tomar parte dela.

Existe ainda o original da carta com a qual o Fundador, em 14 de outubro de 1925, acolhia-o na sua família religiosa:

Tortona, Casa da Divina Providência

Almas e Almas!

Caro Pe. Errani,

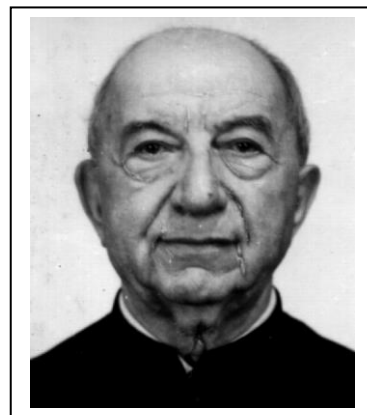
Graça e paz do Senhor!

Li, com prazer, a sua boa carta ao Sr. Côn. Perduca e peço a bondade de Nosso Senhor de abençoar o seu ingresso nesta humilde Congregação, na qual em nome de Deus, cordialmente aceito você para AS MISSÕES.

Coloque-se nas mãos da Divina Providência.

E, de fato, o saudoso Pe. Errani, depois de uma breve estada de dois anos em Ognissanti, Roma, que valeu também como noviciado, foi por toda a vida zeloso missionário na América do Sul.

Tendo partido em 3 de julho de 1927, foi imediatamente designado, como vice diretor, à casa de Mar del Plata, na Argentina.



De janeiro de 1928 a maio do ano seguinte nós o encontramos como Cooperador paroquial e mestre elementar na Igreja de Victoria (Buenos Aires): seguiu depois para Montevideu (Uruguai) para uma nova delicada e corajosa experiência: capelão dos operários e aí permanece até 1936.

Naquele ano os superiores confiaram-lhe a paróquia Santuário de Itati em Corrientes, centro espiritual da região e meta de muitos peregrinos.

Seguiram outras experiências paroquiais: em Cuenca no Pampas, verdadeiro posto avançado apostólico, de novo em Mar del Plata, como pároco da Sagrada Família, de 1939 a 1942 e, por fim, de 1942 a 1945 em Saenz Pena, no Chaco.

Em 1945 segue para Montevideu até o dia 1º de janeiro de 1948 quando é transferido, como Vigário Provincial, para a Província Nossa Senhora de Fátima, Brasil.

Desde então toda a sua missionária desenvolve-se no vastíssimo país onde deixou grandes recordações de si mesmo e do seu zelo pastoral.

Diretor do Instituto “Gávea” do Rio de Janeiro, é depois pároco em Niterói no ano de 1953.

Passa os últimos anos no Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Aí o Senhor esperava-o para o prêmio eterno devido a um serviço tão generoso que sempre colocou em prática o programa fixado pela carta de Dom Orione. Ao terminar a Santa Missa, subindo para o quarto, tem uma queda violenta na escada que dá acesso ao elevador; foi internado no Hospital do Fundão e lá faleceu. Seus restos mortais estão no Santuário de Fátima.

6

Setembro

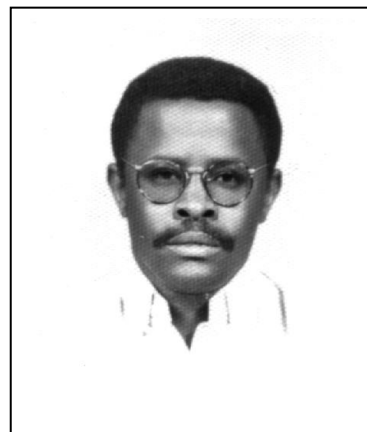
Cl. José Camilo Alves

Morreu em São Paulo em 6 de setembro de 1984, com 37 anos de idade e 3 de profissão.

Um acidente na beira da rodovia, do qual foi vítima inocente, tirou este estudante de teologia do desejado caminho do ministério sacerdotal. Nascido em Nova Era (MG), na diocese de Itabira, em 18 de julho de 1947, foi acolhido em 17 de novembro de 1965 na Casa do Rio, onde completou os estudos primários, passando depois para o noviciado de Juiz de Fora em 10 de fevereiro de 1975 como aspirante a Irmão Coadjutor e professou pela primeira vez na data festiva da Imaculada de Lourdes.

Depois de um período de experiência, passou aos estudos para o sacerdócio.

Tinha feito a Primeira Profissão como clérigo em 5 de janeiro de 1982, na Igreja de Nossa Senhora Aquipita, em São Paulo.



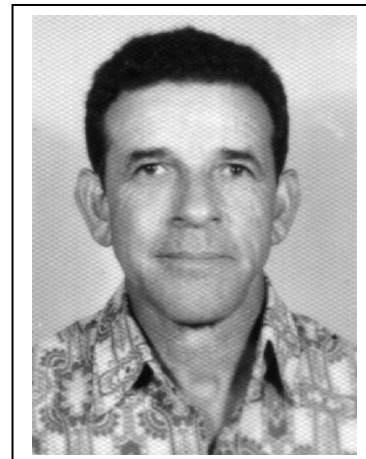
12
Setembro

Ir. Américo Barbosa dos Santos

Morreu em Curitiba no dia 12 de setembro de 1996, com 73 anos de idade e 41 de profissão religiosa.

Nascido em 26 de junho de 1923, passou 29 anos entre os seus familiares e 44 em férvido amor na Congregação. Formado numa família convictamente cristã, encontrou depois na Pequena Obra o clima mais desejado para a sua cordial resposta ao santo chamado que o Senhor lhe fazia sentir há algum tempo.

Acolhido em 3 de novembro de 1952 em São Julião, vestiu a insígnia religiosa em 24 de março de 1954 em Belo Horizonte, dando início ao seu noviciado (1954-55), que terminou com a profissão dos primeiros votos religiosos em 25 de março de 1955: pronunciará os votos perpétuos no dia 11 de fevereiro de 1961.



Considerado como de muito bom espírito, seja de piedade que de humildade, soube todavia superar as primeiras dificuldades na assistência aos jovens. Proveniente do Lar dos Meninos é enviado para o Abrigo Dom Bosco em Juiz de Fora, demonstrando temperamento dócil e bom espírito de sacrifício no trabalho manual, nunca duvidando da própria vocação e caminhando em absoluta fidelidade ao espírito do Pai Dom Orione.

Trabalhou com sabedoria e amor nas casas dos órfãos: em Belo Horizonte (1954-57), no Instituto Dom Orione de Juiz de Fora (1958-60 e 1967-76), na cidade dos meninos em Rio Claro (1965), no Instituto Nossa Senhora de Fátima em Guararapes (1977-80). Serviu os pobres do Pequeno Cotelengo de Cotia e no de Curitiba (1982-94), onde transcorreu os últimos anos. Passou porém um período na Casa de Betânia no Rio de Janeiro (1980-82), sempre edificando e dando exemplo evangélico, realizando a promoção humana dos irmãos em harmonia com a mais zelosa evangelização.

Em Curitiba pode guiar as vocações, especialmente dos irmãos coadjutores da Obra.

Vida sem ostentação, a sua, mas vivida com uma forte espiritualidade, em efusão de caridade, oferecendo a todos a sua mão fraterna, cumprindo o convite o Pai fundador, que sugeria sempre “Ave Maria e avance!”.

Sobre ele alguém escreveu: “Quantas vezes nas conversas de corredor o chamavam “homem justo”: parece-me uma definição perfeitamente cabível. Justo: deu a Deus o que é de Deus e aos irmãos o que é dos irmãos. O seu dom foi a própria vida: homem de Deus e dos irmãos.”.

Verdadeiramente a justiça se esgota na caridade e na caridade o querido nosso Irmão Américo se consumiu e gastou, para viver eterno em Deus, que é Amor.

26
Setembro

Pe. Filino Marinacci

Morreu em Buenos Aires (Argentina) em 1979, com 59 anos de idade, 34 de profissão e 28 de sacerdócio.

Nasceu em 2 de janeiro de 1920. Em 1935 entrou na Congregação. Seus estudos foram realizados em Tortona, onde ordenou-se sacerdote em 26 de agosto de 1951, chegou ao Brasil neste mesmo ano e trabalhou no Jardim Botânico. Foi transferido para o Uruguai e depois Argentina.

7
Outubro

Pe. Paulo Malfatti

Morreu em Paverano de Genova, no dia 7 de outubro de 1973, com 61 anos de idade, 44 de profissão e 34 de sacerdócio.

Foi acolhido por Dom Orione no Instituto Divino Salvador em Roma, com a idade de 14 anos. Tinha freqüentado as escolas profissionais em Rieti, onde nasceu, e em Roma terminou o ginásio no Colégio Santa Maria como aluno externo. Em seguida foi inscrito na Pontifícia Universidade Gregoriana e formou-se em Filosofia e em Teologia (1929-1939).

No período de intervalo entre os estudos filosóficos e aqueles teológicos fez o triênio de tirocínio na qualidade de assistente e professor nas Casas de Montebello (1932-33), Villa Moffa (1933-34) e Tortona-Paterno (1934-1935).

Torna-se sacerdote no mês de abril de 1939, e a ele foi confiado o ensino de Teologia primeiramente no Boscheto de Genova, para onde foi transferido o nosso Teológico, depois em Rosano de Casalnoceto e posteriormente em Tortona (1940-1947). Em seguida foi dirigir o Instituto Dom Orione em Alessandria (1947-1950), continuando a ir a Tortona para as aulas.

No início de 1950 partiu para o Brasil e aí permaneceu até 1973. A sua primeira etapa brasileira foi no Lar dos Meninos em Belo Horizonte, primeiro como Vigário (1950-1954) depois como Diretor (1954-1961). A seguir foi diretor do Instituto Profissional de Juiz de Fora (1961-1964). A última etapa do seu apostolado no Brasil foi na Cidade dos Meninos em Rio Claro, onde foi Diretor (1964-1970) e depois Conselheiro (1970-1973).

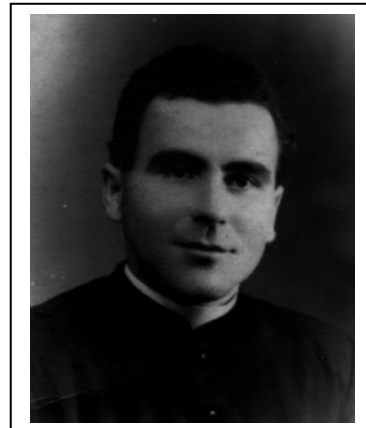
Em toda parte se distinguiu particularmente pela sua bondade e grande espírito de obediência e de sacrifício. Quando em 1950, depois de 10 anos de ensino no nosso Instituto Teológico, foi transferido para a América do Sul confidenciou que lhe custava não pouco deixar as aulas onde tinha adquirido tanta experiência, mas obedecia com prazer e aquele sacrifício ajudou-o a colocar a sua experiência de educador a serviço do novo campo de apostolado entre a juventude do Brasil.

Nos últimos anos a sua saúde ficou abalada, talvez também pelo excessivo cansaço do incessante trabalho, e repetidos enfartes cardíacos tornaram precária a sua atividade. Retornou à Itália para um pouco de repouso e foi cuidado com muito carinho no Pequeno Cotelengo de Gênova. Quando parecia melhorar, uma inesperada hemorragia levou-o à morte, no Hospital de São Martinho, na noite do dia 7 de outubro de 1973, festa de Nossa Senhora do Rosário.

8**Outubro****Ir. Pedro Renaudo**

Morreu em Tocantinópolis, em 1953, com 32 anos de idade e 13 de profissão.

Natural de Confreria (Cuneo), onde nasceu no ano de 1921. Entrou em Tortona em 1935, professando 5 anos depois. Após o colegial pediu para passar para a classe dos Irmãos. Trabalhou em Tortona e chegou ao Brasil no dia 7 de dezembro de 1951.

**16****Outubro****Pe. João Lorenzetti**

Morreu em Buenos Aires em 16 de outubro de 1977, com 77 anos de idade, 52 de profissão e 48 de sacerdócio.

Entrou na Congregação já com vinte e cinco anos – nasceu em 1900 em Lendinara (Rovigo) – atraído pelos exemplos de virtude e pelo generoso programa do Fundador aceitando com fé as incógnitas de uma nascente família religiosa.

Professou em 1925 pela primeira vez e emitiu os seus votos perpétuos em 1927, recebendo no ano de 1929 a ordenação sacerdotal. Sentindo ardente no seu coração a vocação missionária, se lançou no apostolado fora da pátria e respondeu ao convite de Dom Orione de trabalhar na América do Sul, partindo com o próprio fundador em setembro de 1934, chegando no dia 6 de outubro. Trabalhou na Casa do Jardim Botânico e foi chamado para a Argentina.

Sobretudo recorda-se, com edificação, a sua atividade em Voghera, em Porto Mar del Plata, onde foi Diretor, passando depois por Rosario e, finalmente, em 1972 no Pequeno Cotelengo de San Francisco de Cordoba. A assídua preocupação pelos sofredores e necessitados, o zelo pastoral pelas almas, a notável piedade e caridade fraterna para os confrades foram as notas características do seu caminho sacerdotal e apostólico.

Já avançado nos anos e sofrendo fisicamente, nunca relutou no seu empenho de servir os pobres nos quais soube sempre ver com vivíssima Fé, o Cristo sofredor. Digno filho de Dom Orione, fiel transmissor do seu mais genuíno espírito, querido a quantos dele se aproximaram, Pe. Lorenzetti permaneceu um dos exemplos mais luminosos de generosa resposta a uma vocação árdua e plena de Fé no carisma do Fundador.

17
Outubro

Pe. Carmelo Putorti

Morreu em 17 de outubro de 1991 em Reggio Calabria, com 92 anos de idade, 73 de vida religiosa e 67 de sacerdócio.

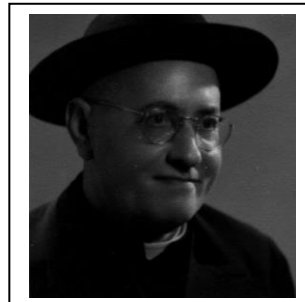
Estava entre os primeiros missionários na América do Sul, onde chegou enviado pelo próprio Dom Orione em 23 de dezembro de 1924, juntamente com Pe. Saponara, Pe. Salvatore Salvatori, Pe. Cesare Di Salvatore e Pe. Nazareno Orzi.

Nasceu em 14 de dezembro de 1898, em Reggio Calabria, ficou órfão no terremoto de 1908 e foi recolhido e levado para a Colônia de Monte Mario em Roma no dia 20 de julho de 1910, onde conheceu Dom Orione que lhe vestiu o hábito em 16 de maio de 1915, apenas completado o curso elementar (1910-14) e o enviou a Tortona e depois para Villa Moffa onde completou o ginásio (1915-19), e cumpriu o noviciado com a primeira profissão religiosa em 20 de julho de 1919. Frequentou a teologia enquanto acompanhava os jovens na Colônia S. Maria em Roma (1919-23).

Em 1924 era diretor dos postulantes em Tortona, quando Dom Orione mandou-o para o Brasil: foi imediatamente vigário paroquial em São Paulo na Aquirópita (1925-29), ensinou no Instituto na Gávea (hoje, Jardim Botânico) (1929-33), foi pároco em Niterói no Bairro São Francisco (1934-36), vigário novamente na Aquirópita de São Paulo (1936-42) e depois pároco (1942-50).

Em 1948 está na Itália; ao retornar permanece no Santuário de Fátima no Rio de Janeiro, depois foi diretor do Seminário em Paraíba do Sul (1950-53) e pároco. Em 1958 teve sérios problemas de saúde e foi operado em São Paulo, para retomar depois o seu trabalho no Santuário do Rio. Seguiu depois para a Cidade dos Meninos de Rio Claro em 1962. No mesmo ano voltou, por motivos de saúde, para a Itália, permanecendo em Reggio Calabria, de 1962 a 1965. Pede depois para retornar ao Brasil, trabalhando em Niterói, em São Paulo e em Brasília.

Tinha escrito ao superior Pe. Zambarbieri “Não peço nada, peço somente de fazer a vontade de Deus, de ser útil o mais possível à Congregação e às almas.” Moderado e zeloso, fervoroso e sereno, voltou definitivamente para a Itália em 1969, transcorrendo o resto da sua vida no Santuário Santo Antônio e no Orfanato de Reggio Calabria, coroando a sua longevidade com os méritos da paciência, do ministério das almas, da oração.



20
Outubro

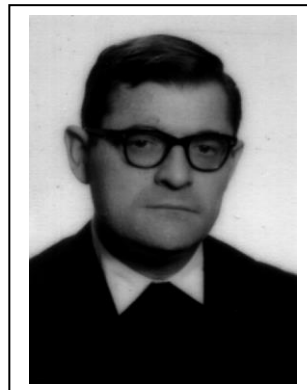
Pe. Alvise Tiveron

Morreu em Milão em 1997, com 73 anos de idade, 56 de profissão e 46 de sacerdócio.

Nasceu em Villorba (Itália), no dia 14 de janeiro de 1924 e foi acolhido na Congregação no dia 2 de janeiro de 1940 em Tortona. Emitiu a primeira profissão em 15 de agosto de 1941 e depois dos votos perpétuos (1948) é ordenado sacerdote em 29 de junho de 1951.

Enviado para a missão, ocupará de 1952 a 1988 cargos de responsabilidade em Tocantinópolis, Rio de Janeiro, Siderópolis, São Paulo e Cotia.

Em 1989 voltou para a Itália, participando das comunidades de Tresalbeghe e Milão. Sempre pronto a doar tudo de si durante o período de missão encarnou perfeitamente os ideais e o carisma do nosso Fundador.



26
Outubro

Pe. Italo Saran

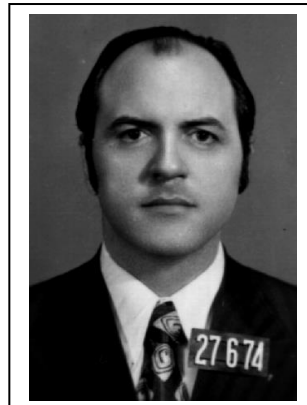
Morreu em Caracas (Venezuela) em 26 de outubro de 1991, com 56 anos de idade, 39 de profissão religiosa e 11 de sacerdócio.

Nasceu em 28 de setembro de 1933, na cidade de Milão, foi acolhido em Montebello (Pavia) em 2 de setembro de 1948, como irmão coadjutor. Fez o seu noviciado e pronunciou os votos religiosos em 11 de outubro de 1952 e optou imediatamente pela vida missionária, partindo para o Brasil em 12 de janeiro de 1955. Foi destinado pela obediência, no mês de outubro seguinte, para Tocantinópolis, na primeira missão aberta no antigo norte do Goiás (hoje, Tocantins) em 1952. Passou depois por Babaçulândia (1956-57) e Belo Horizonte, onde fez a profissão perpétua no dia 11 de fevereiro de 1958.

Em janeiro de 1961 estava em Rio Claro na Vila das crianças, de 1966-68 em São Paulo, encarregado do Pequeno Cotelengo de Dom Orione, em 1970 no Rio de Janeiro empenhado no Instituto de Artes e Ofícios, em abril de 1971 coadjuvava na Direção provincial em São Paulo como conselheiro para a economia.

Empreendedor e prático, também pela licença de treinamento profissional precedentemente conseguida em Alessandria enquanto era aluno em Montebello, soube tornar-se útil em muitas atribuições, coroando ultimamente o seu desejo de aplicar-se totalmente ao bem das almas e na assistência e ajuda aos mais necessitados.

Em 1976 pede a passagem para a classe clerical e em janeiro de 1980 obtém ser admitido, depois de adequada preparação teológica, ao sacerdócio, que recebe no Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1980, pela imposição das mãos do Santo Padre João Paulo II, por ocasião de sua primeira visita ao Brasil.



Nos últimos anos, na Venezuela, tinha encontrado um campo de trabalho conforme as suas belas atitudes, dedicando-se animadamente ao progressivo desenvolvimento das atividades de culto e de evangelização através da caridade na direção da Vila dos pequenos deficientes, como também do seminário de Dom Orione, do Pequeno Cotelongo e da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe.

A chegada do Diretor Geral, Pe. Masiero, e do Ecônomo geral, Pe. Riva, davam concretas esperanças de aprovação ao seu projeto de ampliação e desenvolvimento da atividade da Pequena Obra na Venezuela, a mais recente das missões orioninas na América do Sul.

30**Outubro****Pe. Pedro Sordini**

Morreu em Los Angeles (Chile), em 1989, com 78 anos de idade, 60 de profissão e 51 de sacerdócio.

Nasceu em Actingen (França) em 1911, professou em 1930 e foi ordenado em 17 de dezembro de 1938. Chegou ao Brasil em 1939 e trabalhou no Jardim Botânico até 1943. Seguiu para Niterói e lá permaneceu de 1943 a 1946. Foi transferido, depois, para a Argentina e Chile. Orgulhava-se de ter sido, por algum tempo, o barbeiro de Dom Orione.

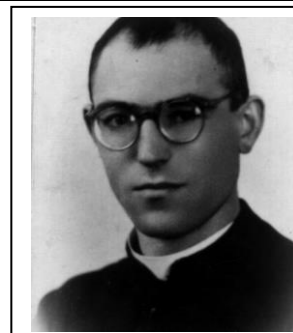
**31****Outubro****Pe. Luigi Bettiol**

Morreu com pouco mais de trinta anos de vida, tendo nascido em Quinto di Treviso em 10 de agosto de 1924.

Entrou na Congregação com apenas 12 anos, professou a primeira vez no dia 15 de agosto de 1941, depois de um ano de exemplar Noviciado. Frequentou os cursos de liceu em nosso Instituto Filosófico de Villa Moffa (Bra), estando sempre entre os melhores em piedade e extraordinária aplicação no estudo.

Fez o triênio de tirocínio na Albânia, em Scutari, justamente no período crucial da guerra e da posterior guerrilha na região. Voltando à Itália, depois de ter sofrido a prepotência comunista dos novos dirigentes da Albânia, foi destinado para o Teológico de Tortona para a última preparação para o Sacerdócio, ao qual foi promovido em 29 de junho de 1950.

Foi, logo depois, ajudante na assistência e no ensino dos aspirantes adultos acolhidos na Casa Mãe de Tortona; dever que ele assumiu com competência e meticulosidade, dando a todos um bom exemplo, que dificilmente será esquecido: quanta paciência e compreensão, que edificante e espontânea piedade.



Com a abertura da Missão no Goiás sentiu-se novamente impelido, por amor às almas, a deixar a Pátria e no dia 30 de junho de 1953 zarpava de Genova, para ir ao encontro do caríssimo Pe. André Alice na missão no Goiás, que já tinha sido seu Superior na Albânia.

E é por uma carta de Pe. Alice, escrita ao Revmo. Diretor Geral Pe. Carlo Pensa, em 3 de novembro, que se tomou conhecimento da morte do Pe. Luigi Bettiol.

Revmo. Padre,

Na vigília do seu onomástico, enquanto todas as Casas da Congregação enviam-lhe os filiais augúrios dos Religiosos, dos alunos e dos abrigados, também nós da Missão do Goiás queremos fazer chegar vozes de júbilo e de reconhecimento.

Infelizmente, devo anunciar-lhe uma outra grave prova a que o Senhor submete novamente a nossa missão.

Padre Luigi Bettiol morreu em virtude de uma doença que durou menos de dois dias. Morreu de septicemia, disse o médico.

Pobre querido Confrade! E que susto em todos nós, em mim particularmente que não tive o conforto de assisti-lo nos seus últimos instantes, nem de celebrar as últimas exéquias.

Três dias antes da sua morte eu tinha partido para Babaçulândia, e jamais teria pensado que Pe. Bettiol, ao meu retorno, não seria mais encontrado.

Ele queria acompanhar-me até o rio, onde aguardava-me o barco. Eu dispensei-o porque o sol estava muito quente e a hora da partida era incerta. Ele ficou em casa e saudou-me com grande entusiasmo; pressentia alguma coisa?

Um dia depois – Sexta feira, 29 de outubro – pelas quatro horas da manhã sentiu-se mal; tinha febre altíssima e dores por todo o corpo. Chamou Padre Breviglieri, e foi imediatamente assistido amorosamente. Às 7 horas recebia a Santa Comunhão; ninguém porém pensava num caso mortal.

Pelas 8 horas chegou o médico, que permaneceu ao seu lado um tanto quanto desorientado até as 9 horas, quando os sintomas do mal se definiram nitidamente, e o estado do doente ficou rapidamente alarmante. A nada serviram todas os tratamentos feitos. Pelas 10 horas entrou em estado de coma e assim permaneceu até a hora da sua morte, ocorrida na manhã de Domingo, 31 de outubro, festa de Cristo Rei, pouco antes das quatro horas.

Tinha recebido o conforto da Extrema Unção, estavam ao redor todos os confrades. Expirou sem retomar a consciência. Tinha completado 30 anos, no dia 10 de agosto.

Pobre querido confrade! Mas quantas graças e bençãos atrairá para a Igreja, para a Congregação e a Missão a sua santa morte!

Agora ele repousa no pequeno cemitério vizinho ao rio, ao lado dos outros nossos queridos Defuntos, e justamente aos pés do inesquecível Pe. Adobati. O povo chorou e testemunhou a estima participando em massa do seu funeral.

Seus restos mortais repousam na Catedral de Tocantinópolis.

5**Novembro****Pe. Jacinto Scavone**

Morreu em Morada Nova (MG), em 5 de novembro de 1978, com 63 anos de idade, 40 de profissão e 30 de sacerdócio.

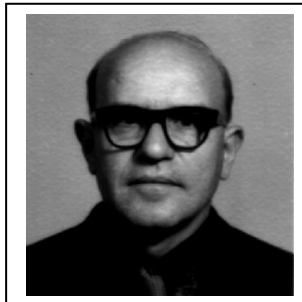
Natural de Agira (Enna – Itália), tendo entrado com 18 anos no Instituto Santo Antônio de Reggio Calabria, em 1933, passou depois para Tortona no grupo particularmente querido a Dom Orione: os aspirantes que estudavam e trabalhavam.

Foi ordenado sacerdote em 29 de junho de 1948 no Santuário de Nossa Senhora da Guarda.

De 1949 a 1960 trabalhou no Brasil: no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Ouro Branco e na paróquia de Morada Nova. Voltou para a Itália para estar próximo da mamãe e da irmã gravemente enferma, permanecendo uma década trabalhando, com a conhecida generosidade e jovialidade, nas casas de Messina, Noto, Palermo e Paterno.

Depois da morte da mamãe e da irmã, pediu em 1973 para voltar ao Brasil, terra por ele tanto amada, e desde 1975 era novamente responsável pela paróquia Nossa Senhora de Loreto, em Morada Nova, entre boa e humilde gente que tinha saudado o seu retorno como uma benção.

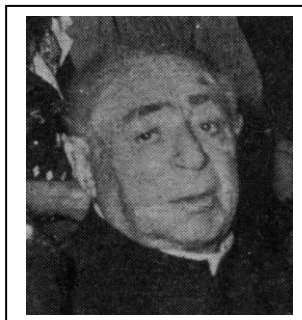
Religioso fiel e zeloso, afeiçoado como poucos por Dom Orione e Dom Sterpi, mereceu morrer de pé como o venerável Fundador. No Domingo, 5 de novembro – solenidade litúrgica, no Brasil, de Todos os Santos – tinha celebrado a Missa festiva e, na homilia, tinha recordado o dever de viver santamente para estar prontos para se preparar com o Senhor na hora da morte. Ao meio dia disse que não estava sentindo-se bem, e apenas experimentou a comida que foi preparada. Retirou-se para um pouco de repouso, quando, colhido por violento infarto, voltava improvisamente ao Senhor, sem que os paroquianos, que imediatamente acorreram, pudessem fazer algo por ele, senão confiá-lo a Nossa Senhora de Loreto, de quem era tão devoto.

**12****Novembro****Pe. Angelo de Paoli**

Morreu em Roma, no ano de 1959, com 74 anos de idade, 47 de profissão e 46 de sacerdócio.

Nasceu em Scaldasole (Pavia – Itália), no ano de 1885, sendo ordenado sacerdote em 1913. No ano seguinte foi enviado ao Brasil e tendo participado do 2º capítulo Geral em 1946, foi eleito membro do Conselho Geral. Veio ao Brasil para a inauguração do Santuário Nossa Senhora de Fátima em 1948 e, ainda em 1955, para o 35º Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro.

Uma carta de Dom Pensa oferece mais detalhes sobre a sua morte:



“Roma, 13 de novembro de 1959

Caríssimos irmãos e filhos no Senhor,

A paz de Nosso Senhor esteja sempre conosco!

Venho participar a triste notícia da morte do nosso querido Pe. Angelo de Paoli, falecido serenamente às 20.30 de ontem à noite. Tinha recebido com edificante piedade todos os Sacramentos e fora confortado pela benção do Santo Padre e pelas repetidas visitas do Emmo. Cardeal Aloisi Masella.

Enfermo, como vocês sabem, há algum tempo, desde a metade de agosto, quando se encontrava em Tortona, desejou receber a Extrema Unção e o Viático, edificando a todos com a sua serenidade e as santas palavras (...).

Nossa Senhora da Guarda concedeu-lhe a graça, possibilitando-lhe assistir (tinha esperado tanto como eu!) ao levantamento da estátua sobre a torre do Santuário e às memoráveis jornadas do final de agosto. Fomos juntos, depois da festa da Guarda, a Milão, ao novo seminário de Botticino di Brescia e a Buccinigo d’Erba; e depois a Fano e Cagli, onde demoramos um pouco antes de retornar para Roma.

Parecia que tinha melhorado um pouco, mas as forças foram aos poucos diminuindo, enquanto cresciam as dores que tornaram bastante atribuladas as últimas semanas. Os nossos competentes irmãos coadjutores assistiram-no dia e noite, prodigando-se com tanto afeto no Senhor, com admirável caridade e cuidado.

No dia 17 de outubro teve uma gravíssima crise e temeu-se perdê-lo: presente toda a comunidade, o Vigário Don Zambarbieri que administrou o Santo Óleo e eu lhe dei a seguir o Santíssimo Viático. Estava em perfeita consciência e comoveu-nos com as expressões que quis ainda uma vez dirigir-nos, dizendo-nos a tranquilidade com que andava ao encontro da morte, unicamente desejoso de fazer em tudo a vontade do Senhor, pedindo perdão, se em alguma coisa tivesse sido de pouca edificação, e exortando a nos mantermos fiéis ao espírito da nossa querida congregação.

Superou a crise, mas não pôde mais deixar o seu quarto, onde, no dia de Todos os Santos, teve a consolação, verdadeiramente grande, de uma outra visita de Sua Emcia. o Cardeal Aloisi Masella, tão afeiçoado a Pe. De Paoli desde o tempo em que regia a Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro.

Na oração que lhe tornava sempre mais aceita a santa vontade de Deus, confortado pela Santa Comunhão recebida cada manhã, foi assim predispondo-se para o grande encontro, por nada temido, até mesmo esperado e desejado.

Entrou em agonia ontem de manhã. Como prescrevem as nossas Constituições, reunimo-nos na igreja para a prece dos agonizantes, enquanto Don Zambarbieri a recitava no quarto de Pe. De Paoli, que ainda sonolento, deu sinais de que acompanhava e soube agradecer com um gesto de mão, de modo especial quando se repetia em seu ouvido piedosas jaculatórias.

Por todo o dia, à sua cabeceira foi um contínuo suceder-se de confrades em oração. À noite, por especial concessão do Abade do Mosteiro “Tre Fontane” veio Frei Maria Pio, o nosso querido Pe. Mogni (...). O encontro foi dos mais comoventes, no clima de uma espiritualidade que a todos tanto impressionou e edificou. Pe. Mogni, sempre muito próximo à nossa família, pela qual ofereceu grande parte da sua vida de silêncio e de oração, ficou filialmente grato a Pe. De Paoli, porque tinha facilitado o seu ingresso no mosteiro, tinha assistido a sua profissão e ia, de vez em quando, encontrá-lo em “Tre Fontane” com o venerando Pe. Risi.

Frei Maria Pio esteve por um longo período ao lado do agonizante, consolando-o com pias elevações, sugerindo jaculatórias, confiando-lhe preciosos encargos para quando estivesse no Céu.

Parecia até que o querido Pe. De Paoli estivesse esperando a visita de Pe. Mogni, a cuja voz trêmula pareceu emocionar-se ainda, enquanto dos olhos despontavam, visíveis, as lágrimas. Daí a pouco, depois que o Confessor –

o bom Padre Tobia, Redentorista, que chegou à noite do Veneto, onde estava por causa da morte de um irmão – deu a última absolvição e a respiração se tornou mais ofegante. Depois, improvisamente, faleceu às 20.30hs. Alguns confrades estavam na cabeceira da cama, em oração. Antes de entoar o “Subvenite”, confiei-lhe a minha saudação, desejando acompanhar a sua alma a Deus em nome de toda a Congregação, pela qual tanto trabalhou e tanto se sacrificou.

Vocês bem sabem, queridos meus irmãos e filhinhos no Senhor, como eu estava ligado ao falecido Pe. De Paoli: somos da mesma cidade, tínhamos deixado juntos as nossas famílias para entrar na Pequena Obra, juntos fizemos os estudos e recebemos a Sagrada Ordenação. Era uma vocação adulta e trabalhou muito naqueles anos nos quais existia tanto para fazer, também porque Dom Orione podia, então, dispor de bem pouca gente. Veio para estudar e tornar-se sacerdote, e poderia ter uma certa urgência, dado que não era muito jovem. Mas não colocou dificuldade alguma quando o venerável fundador encarregou-o de trabalhos manuais e por um longo período. Prestou-se generosamente, sem nunca colocar exigências ou solicitações, tanta era a confiança que lhe inspirava Dom Orione. Assim não hesitou um instante quando, apenas ordenado sacerdote, recebeu a obediência de seguir para o Brasil. Apenas deu um tempo para ver a sua boa mãe, os irmãos, e partiu, com um pacotinho (como sinal eloqüente da simplicidade e pobreza das origens!) enfaixado com papel de jornal e amarrado com um barbante... Era toda a sua bagagem...

Por 32 anos trabalhou no Brasil; num primeiro momento sozinho e freqüentemente em condições extremamente difíceis: não se poupou nunca, e – segundo o convite de Dom Orione – encontrou tempo para ajudar as boas Irmãs de Madre Michel.

Quando voltou para a Itália, em 1946, para o Capítulo Geral, sofreu um naufrágio (devido a um incêndio a bordo do navio, há poucas léguas da baía do Rio) e foi salvo por verdadeiro milagre de Nossa Senhora de Fátima, à qual havia elevado no Rio de Janeiro aquele belíssimo Santuário que ficará para sempre como o mais precioso monumento da sua piedade mariana.

Veio para a Itália, como vocês recordam, foi eleito Conselheiro Geral e permaneceu depois na Casa Mãe de Tortona, enquanto a saúde, consumida por tantas fadigas, o sustenta.

Certas foram a sua grande fé, o seu espírito de sacrifício, a muita oração, a merecer-lhe uma morte verdadeiramente invejável, com uma preparação assim consoladora, em uma completa e alegre uniformidade à vontade divina.

É o que nos consola, nesta hora de separação, particularmente dolorosa para mim que perdi quem me era duplamente irmão. Bendizendo sempre e em tudo o Senhor, sufraguemos a sua alma pedindo orações também aos nossos postulantes, aos nossos alunos, aos órfãos, aos pobres do Pequeno Cotelengo, aos Amigos, aos Ex-alunos.

Voltou para Deus no dia de Dom Orione (ontem, era o 12 do mês) e, a mim, parece que o nosso Pai tenha querido dizer-nos, assim, que ele desceu ao seu encontro para levá-lo ao Paraíso com Pe. Sterpi, com Pe. Goggi, com Pe. Cremaschi, com os nossos irmãos que nos precederam na Pátria.

Escrevo para vocês no dia 13, consagrado à recordação de Nossa Senhora de Fátima (a sua devoção!) e peço à Virgem Santíssima que queira interceder, não só para que seja abundante o prêmio ao Servo fiel, que tanto rezou e trabalhou, mas também para que todos os Filhos da Divina Providência saibam recolher os seus exemplos e em particular a última lição sua: aquela de aguardar a morte com tanta serenidade e tanta paz, no desejo de fazer e de amar, todo dia e toda hora, aquilo que agrada ao Senhor.

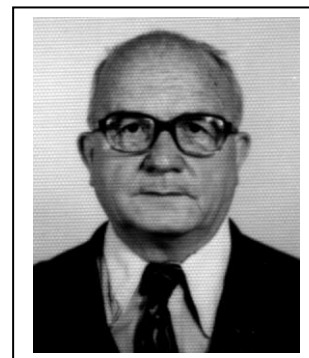
Pe. Carlos Pensa
Diretor Geral

25
Novembro

Pe. José Tonelli

Morreu em 25 de novembro de 1994, na Orionópolis de Cotia (SP), com 79 anos de idade, 57 de profissão religiosa e 50 de sacerdócio.

Nascido em 5 de junho de 1915, de família trabalhadora e convictamente cristã, atuava na Ação Católica, quando escolheu a vida de consagração na Pequena Obra da Divina Providência. Entrava em 16 de janeiro de 1936, na cidade de Tortona: tinha 20 anos. Um breve período como aspirante – vestindo o hábito santo em 7 de outubro de 1936 – e é mandado para Villa Moffa para o noviciado (1936-1937) concluído com a Primeira Profissão em 1º de setembro de 1937. No final do mês voltava Dom Orione da América Latina, e lançava um apelo para novos missionários “ad gentes”.



O neo-professo José acolhe o convite, formula um pedido, Dom Orione aceita; em 1938 o jovem religioso já estava no Brasil. Uma longa jornada de 56 anos, sempre fiel, todo dedicado à oração, ao estudo, ao trabalho, preparando-se para a profissão perpétua que emitiu, no Rio de Janeiro, no dia 8 de dezembro de 1940, e para o sacerdócio que recebeu em Paraíba do Sul, em 23 de abril de 1944: chegou a celebrar o seu jubileu de ouro, antes de exaurir a sua missão e partir para a casa do Pai.

Em síntese, os seus 56 anos de “Missão no Brasil”: na incipiente obra para os rapazes no Rio de Janeiro – Gávea (1938-49); ainda no Rio, onde o diretor Pe. Angelo de Paoli quer encaminhar a construção de um santuário à Nossa Senhora de Fátima e confia-lhe a empenhativa tarefa, que ele conduz até as estruturas: foram 10 anos de incansável fadiga (1943-53), difundindo a mensagem de Fátima com o espírito de um autêntico apóstolo de Maria. Foi para Belo Horizonte (1953-61) diretor do Lar dos Meninos, verdadeiro pai dos órfãos, criando novas possibilidades de instrução e de trabalho, melhorando também o pavilhão do Lar, destinado aos aspirantes da Congregação, dos quais assume a direção (1952-65).

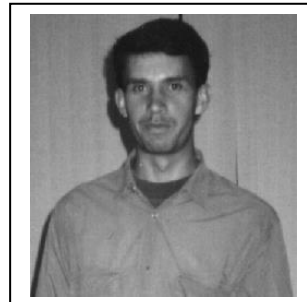
Neste tempo, o terreno Lar foi desapropriado pelo Estado para a construção da cidade universitária: a Pequena Obra compra, então, um terreno e inicia a construção do grande seminário Dom Carlos Sterpi, que deverá posteriormente acolher também os rapazes do Lar: em tudo isto foi muito importante a contribuição do Pe. Tonelli.

A obediência destina-o à vasta paróquia de Niterói, onde se insere com todo o seu entusiasmo (1965-72), desenvolvendo pastoral profunda na Igreja paroquial e nas muitas comunidades (as Capelas) da periferia, além de alimentar e educar os pequenos do Lar Dom Orione, internos e externos. Em 1972 foi enviado à nova paróquia de Goiânia: Pe. Tonelli assume e incrementa a pastoral, dedicando-se também à construção do templo que deixa em pleno funcionamento em 1978, para colocar-se como colaborador na Orionópolis, em São Paulo; aí permanece até a sua morte, exceto o ano de 1989, passado como auxiliar da paróquia de Siderópolis e confessor do nosso Seminário São Pio X. Anos serenos e ativos os últimos passados na Orionópolis. Anjo da acolhida, recebia todos os visitantes com largo sorriso e a benção de Dom Orione. Os pequenos deficientes faziam grupo ao redor dele, sempre presente nos encontros da comunidade, sabia rezar pelos não poucos problemas da casa. Sempre pronto para atender o telefone e na portaria para receber os Amigos, enquanto “debulha” tantos rosários nas longas esperas. Ao grave mal prognosticado sobrevive uma quinzena, no sofrimento, feliz com a cruz de Cristo, sempre intelectualmente desperto, até o último instante, quando se oferece ao Pai, pela Congregação, pelo Papa, pela missão, pelos pobres e pela Igreja de Deus, no espírito de Dom Orione.

3**Dezembro****Cl. Jazi Custódio Cezário**

Morreu em Brasília, no ano de 1997, com 27 anos de idade e 3 de profissão.

Nascido em 17 de agosto de 1970, na cidade de Itanhomi (MG), com 18 anos escolhia o caminho do Senhor em nossa Congregação, entrando no Seminário de Rio Bananal no dia 15 de fevereiro de 1988. Em 1990 seguiu para o Instituto Dom Carlos Sterpi em Belo Horizonte para completar os estudos necessários para entrar no Noviciado (1993). Depois da Primeira Profissão, pronunciada em Juiz de Fora no dia 12 de janeiro de 1994, seguiu para a Filosofia no Instituto em Belo Horizonte. Em 1997 foi destinado para o tirocínio em Brasília.



Uma profunda anemia e pneumonia obrigou-o a ficar internado no Hospital de Base em Brasília por quase 1 mês. Visitado pelo Diretor pôde confessar-se e, mesmo com muito sofrimento, demonstrou serenidade de alma. Ao seu lado estava a mamãe, justamente no momento em que passou ao Senhor.

Sua memória será lembrada com o grande amor que nutria pela Congregação e pelo nosso Pai Fundador.

8**Dezembro****Pe. Luís Merlo**

Morreu no Hospital de Turim no dia 8 de dezembro de 1973, com 65 anos de idade, 34 de profissão e 30 de sacerdócio.

Vocação tardia, foi recebido por Dom Orione com a idade de 23 anos, depois que cumpriu o serviço militar. Fez o seu tirocínio, na qualidade de trabalhador, primeiro em Genova (1931-1933) e depois na Colônia de Mursecco (1933-1938).

Ordenado sacerdote em outubro de 1943, foi para a Colônia S. Inocência (Calvina) de Tortona. Depois, Don Sterpi destinou-o para a América do Sul onde trabalhou por vários anos nas nossas obras da Argentina e do Brasil, como confessor e Padre Espiritual.

No final de 1956 voltou para a Itália e foi designado para o Santuário da Incoronata em Foggia. Daí passou pelas seguintes instituições da Pequena Obra: Casa do Trabalhador de Turim, Pequeno Cotelengo de Milão, Santuário Nossa Senhora da Guarda em Tortona, Paróquia Sagrada Família de Turim, onde era tão apreciado sobretudo pela solicitude e zelo com que se entregava às confissões.

Internado no Hospital Mauriziano, no dia 8 de dezembro seu estado se agravou. No início da noite quis encerrar a sua longa carreira de Padre Espiritual distribuindo uma estampa da Imaculada a todos os internos da sua enfermaria. Terminada esta devota cerimônia, sentindo-se cansado, sentou numa cadeira e aí morreu atacado por um infarto.

15
Dezembro

Pe. Giovanni Valdástico Pattarello

Morreu em Veneza no dia 15 de dezembro de 1996, com 79 anos de idade, 60 de profissão religiosa e 52 de sacerdócio.

Tinha apenas revisto sua terra, descendo do avião que de São Paulo conduziu-o para a pátria e saudado os parentes que o aguardavam alegres e comovidos, quando foi colhido por um imprevisto mal estar: terminava assim silenciosamente a vida, generosamente oferecida ao Senhor e à Pequena Obra.

Nascido em 2 de janeiro de 1917, em Vetrego di Mirano (Veneza), de família numerosa de agricultores, foi providencial para a sua alma - confessava ele mesmo - um ano passado como aluno mecânico em nosso “Berna” de Mestre, dirigido então por Pe. Attilio Piccardo: aí sentiu a vocação e é acolhido no dia 2 de agosto de 1930 no pequeno instituto de Campocroce, que exatamente naquele ano deixava de ser orfanato para transformar-se em pequeno seminário da Obra. Aí iniciou o ginásio (1930-32), completado depois em Montebello em 1932-34, recebendo nesse meio tempo o santo hábito de Dom Orione, no Santuário de Tortona, em 28 de agosto de 1932.

Ao acompanhar com uma carta ele e o amigo Antônio Lanza, o Pároco Pe. Raimondo Volpato louvava “os manifestos sinais de vocação à vida religiosa, a boa saúde, a boa vontade e a boa inteligência.”

Foi imediatamente destinado ao Colégio “São Giorgio” de Novi Ligure, onde, de 1934 a 1938, seguiu os cursos de Habilitação Magisterial, intercalados pelo noviciado, feito em Villa Moffa sob a guia do venerado mestre Pe. Giulio Cremaschi, professando a primeira vez em 7 de outubro de 1936, com outros 120, diante de Dom Sterpi.

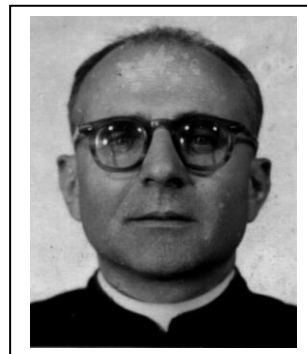
Os últimos dois anos em São Giorgio foram, além dos estudos, dedicados à assistência dos jovens, bom tirocínio para a sucessiva passagem (no triênio 1938-41), ao ensinamento no curso elementar no Instituto São Filipe Neri de Roma; cumpriu depois regularmente o curso teológico no Boschetto de Genova-Rivarolo, em Rosano di Casalnoceto e em Tortona (1941-45), professando em perpétuo no dia 25 de abril de 1943, ainda nas mãos do venerável Dom Sterpi.

A ordem do presbiterato foi-lhe conferida por Dom Melchiori, em Rosano, no dia 25 de março de 1944, depois de ter pronunciado o juramento antimodernista (17-04-1943) e aquele pela defesa da pobreza na Congregação (30-10-1943).

Firmando-se “Sacerdote de Nossa Senhora” é novamente indicado para o San Filippo em Roma; aí trabalha de 1945 a 1950 como professor, encarregado da Congregação Mariana, da liga missionária estudantil, dos jovens Amigos de Dom Orione. Neste período cursa pedagogia na Universidade Estatal de Roma e obtém a láurea em pedagogia, em 3 de julho de 1954, com a tese: “Dom Orione e a nova pedagogia”.

Nesse meio tempo, em 1950, é destinado como diretor do Instituto Dom Orione em Avezzano, onde passa um sexênio rico de iniciativas.

Voltam, todavia, ao pensamento, nestes anos, os sentimentos que, já em 1947, o induziram a dirigir aos Superiores esta solicitação: “Depois de longa meditação e oração – escrevia de Roma ao Diretor Geral Pe. Pensa – venho exprimir um meu ardente desejo: partir missionário para o Extremo Oriente, possivelmente para o Japão. Desde o primeiro ano de teologia esta idéia tem se manifestado em mim... Os meus pais não estão convencidos, todavia, eu partirei assim mesmo..., esperarei ir com o primeiro escalão... Há dois mil anos Jesus espera à porta



daquelas grandes nações: agora os batentes estão escancarados. É esta a grande ocasião oferecida às missões católicas! ... Eu sei: eu poderei muito pouco, espero ao menos que o Senhor me torne digno de sofrer, mesmo lá longe: ser como o grão de trigo soterrado naqueles sulcos, do qual somente depois da morte – e talvez do martírio! – germinará a vida”.

Em 20 de novembro de 1955, Pe. Pattarello vê, em parte, realizado o seu sonho missionário no navio que no dia 2 de dezembro leva-o para o Brasil, onde, por quase quarenta anos, fez o quanto a Providência consentiu-lhe copiosamente realizar.

Sediado no Rio de Janeiro, assumiu imediatamente o encargo de Diretor provincial (1955-64); foi diretor depois em São Paulo, da casa Nossa Senhora Aquiopita (1964-70), com o encaminhamento da Orionópolis em Cotia; novamente diretor provincial em São Paulo (1970-76), diretor e pároco em Araguaína (1976-78), diretor e ecônomo em Cotia onde fez resplandecer o admirado Pequeno Cotelengo (1978-85). Eleito primeiro diretor provincial do Brasil Norte em Brasília (1985-88), foi depois diretor em Brasília (1988-91) e a partir de 1992 diretor da sede provincial em São Paulo: foi também membro dos Capítulos gerais em 1963, 1969, 1975.

“Não é válido com Dom Orione – dizia em tom de brincadeira – aprender a arte e colocá-la à parte: com Dom Orione, o ofício que se aprende é necessário colocá-lo em prática!...”

É o quanto fez Pe. Pattarello pelo Brasil, onde deixou uma marca de trabalho, de ensinamentos, de exemplos, que permanecerão no coração dos confrades e de quantos dele se aproximaram. Bom orador, criativo ao se aproximar das pessoas, entusiasmado formador de consciências e caçador de vocações; escritor fecundo, imbuído de um estilo bastante pessoal, fervoroso e imaginativo, deixou preciosas publicações sobre o método pedagógico do Pai fundador e memórias da vida da Congregação.

Na carta de 17 de outubro de 1976, escrevia espirituosamente ao “seu” Pe. Lanza, amigo de infância: “Depois... nos retiraremos para Campocroce, para terminar onde começamos. Oh, aqueles dois futuros velhinhos! Ou voltaremos antes para o Pai? *Fiat!*” Assim quis o Senhor para ele, que agora reza por nós!

16

Dezembro

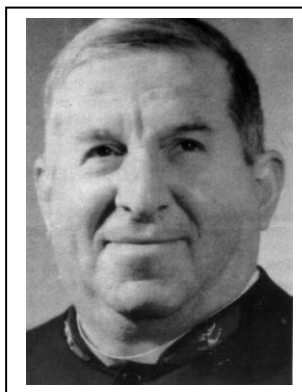
Pe. Giovanni Dellalian

Morreu em Rancagua (Chile) em 16 de dezembro de 1982, com 67 anos de idade, 49 de profissão e 40 de sacerdócio.

Fazia parte de um significativo grupo de órfãos armênios tão queridos a Dom Orione que se comprazia de ter nos seus Institutos estes descendentes de mártires. Desses não poucos decidiram depois consagrar-se a Deus em nossa Congregação e o Fundador, respeitoso das tradições e das riquezas eclesiais, quis que, por quanto possível, conservassem o rito próprio quase a testemunhar ao mesmo tempo o espírito ecumênico próprio da nossa Família religiosa.

Pe. Giovanni nasceu em 12 de setembro de 1915 em Ankara, na Turquia, a antiga Ancyra de Galazia, gloriosa pelas recordações romanas e cristãs. Filho de Clemente e de Dürück Pirellian, tornou-se precocemente órfão de ambos os genitores, com somente dez anos em 1925, no dia de Nossa Senhora das Dores, quando é acolhido no Instituto dos “Cavalieri di Rodi (Egeo)” pelo Pe. Camillo Bruno.

Em Rodi cursou as escolas elementares e os primeiros cursos do ginásio.



Recebeu, segundo o costume de então, o santo hábito em 4 de abril de 1928, foi enviado para a Itália para fazer-se nosso sacerdote, como constantemente desejava.

Cumpriu o noviciado em 1932, professando a primeira vez em Montebello di Pavia, no dia 16 de agosto de 1933, nas mãos de Dom Sterpi. Ainda em Montebello, em 23 de junho de 1940, no seu dia onomástico, emite os votos perpétuos.

Os relatórios dos superiores constantemente qualificam-no: “zeloso, piedoso, trabalhador que sabe aproveitar bem o tempo”.

É ordenado sacerdote no Santuário de Fumo em 12 de julho de 1942. A sua atividade pastoral se desenvolveu sempre de preferência entre os jovens, dado o seu temperamento dinâmico e a constante jovialidade das suas atitudes. Diretor do Oratório de São Filipe de Roma por alguns anos, depois em San Severino Marche, passando depois em 1949 para Arnesano di Lecce.

Com entusiasmo acolhe o convite para trabalhar no exterior e foi destinado primeiro para o Brasil e depois para o Chile; sendo apolide come armeno, consegue facilmente a cidadania chilena o que ajuda-o a melhor inserir-se no meio do povo a ele confiado. Pároco em Los Angeles, foi depois nomeado diretor do Hogar del Niño, sempre em Los Angeles de 1956 a 1959.

Foi diretor em Santiago e em Quintero. Novamente enviado a Los Angeles e depois em 1979 foi transferido como Pároco em Rancagua, onde o Senhor o chamou ao prêmio, em 16 de dezembro de 1982.

Exercitou também o ofício de capelão militar na aeronáutica e infantaria. Foi capitular geral em 1975, mas o que o distinguiu sempre, além da jovialidade de caráter, foi um altíssimo sentido da vida religiosa.

Alguns trechos de seus escritos podem revelar estes dons: “Estou convencido – escrevia logo que chegou a Los Angeles – de dominar o povo com a bondade, a arma mais forte que Deus me deu”. E acrescenta: “Meu programa é que nenhum fiel saia do meu escritório paroquial insatisfeito”. (31 de dezembro de 1965).

Sobre a obediência assim se exprimiu: “Parece-me que o voto que requer mais sacrifício seja o voto de obediência, sobretudo nestes tempos modernos, quando de tudo se quer razão e tudo criticar, levando a vida religiosa do plano sobrenatural àquele da natureza. Mudaram-se os belos tempos de Pe. Sterpi, de santa memória, quando perante a obediência ninguém pensava em responder “non mi sento” (23-09-1965)

E de fato o bom Pe. Dellalian até o fim, ainda que em circunstâncias difíceis e com danos à própria saúde, sempre obedeceu exemplarmente.

Ainda clérigo escreveu aos superiores: “Quanto são consoladores os artigos das constituições sobre os sufrágios!”

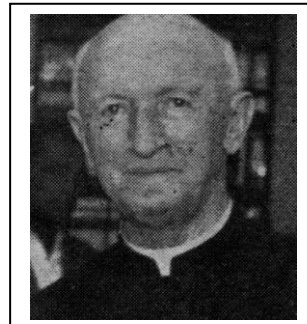
Que agora possa verdadeiramente experimentar tal solicitude materna da Congregação.

20
Dezembro

Pe. Pedro Martinotti

Morreu em Rio Claro (SP), em 20 de dezembro de 1969, com 82 anos de idade, 66 de profissão e 59 de sacerdócio.

Natural de Trino-Vercellese (Vercelli), foi acolhido por Dom Orione no Colégio “Santa Clara” de Tortona em 15 de outubro de 1897, com a idade de dez anos. Tinha sido mandado pelo tio materno Pe. Antônio Tricerni, pároco de Villa del Bosco (Vercelli), que conhecia Dom Orione por meio de Madre Michel, e que logo depois torna-se também ele Filho da Divina Providência (morreu em Mursecco de Faressio em 1930).



Ordenado sacerdote em 1910, exercitou o sagrado ministério em Roma, na qualidade de Coadjutor em San Giovanni Laterano, na nossa Igreja de Ognissanti, e depois em Squarciarelli (Frascati) como pároco da Igreja de São José. Foi diretor em nossos Institutos de San Severino Marche, de Cuneo e Veneza.

Em 1927 partiu para o Brasil. Dom Orione tinha-o destinado para a Argentina, mas quando soube que erroneamente foi feito o passaporte para o Brasil, exclamou: “Vê-se que a Divina Providência quer assim!”. Permaneceu no Brasil até a morte, trabalhando por 42 anos nas várias instituições apostólicas e assistenciais da Pequena Obra com admirável espírito de sacrifício e de edificação para todos.

Em setembro de 1960 segue para a Itália para celebrar o 50º da sua ordenação sacerdotal com o sobrinho Pe. Giovanni Rubinelli e os outros parentes.

Afetado por uma paralisia do lado direito celebrava a Santa Missa com dificuldade. Em seguida, a doença aumentou progressivamente e passou os últimos anos de vida imobilizado no leito, amorosamente assistido pelos Confrades da Casa de Rio Claro. Quando retornou ao Senhor, Pe. Martinotti era o decano religioso dos Filhos da Divina Providência.